



# GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das  
Indústrias do Estado de Goiás

## ENTREVISTA

Ozires Silva, presidente do World Trade Center, defende que a burocracia passe a funcionar a serviço dos cidadãos



## TODA A FORÇA DO ÁLCOOL

COM INVESTIMENTOS DE US\$ 10 BILHÕES, SETOR  
TRIPLICA PRODUÇÃO E TORNA GOIÁS O SEGUNDO  
MAIOR PRODUTOR DO PAÍS



**De olho no cliente:** Empresas com sistemas de gestão da qualidade certificados, a exemplo da Comigo (*foto*), alcançam maior controle sobre processos e poder de fogo para brigar por mercados e por melhores resultados

# Agende-se Com o Futuro



Centro Internacional de Negócios  
de Goiás

## Feiras Internacionais 2010

O Centro Internacional de Negócios (CIN) da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) está credenciado para organizar a participação de empresas goianas em eventos internacionais. Com o assessoramento de profissionais experientes em comércio exterior, as empresas recebem orientação para racionalizar seus processos de internacionalização e conhecer suas reais oportunidades de negócios nos mais diferentes mercados globais.

Por intermédio da Rede CIN, que agrega conhecimentos e competências acumulados por 25 Centros Internacionais de Negócios espalhados pelo País, o CIN Goiás oferece apoio necessário a empresas que desejam alcançar o mercado internacional.

Conte com o apoio do CIN/FIEG e não perca a oportunidade de divulgar seus produtos, conhecer melhor os concorrentes e ampliar seus negócios no exterior.

Confira as missões empresariais que o CIN/FIEG está organizando para o ano de 2010.

<i>Evento</i>	<i>Segmento</i>	<i>Onde</i>	<i>Quando</i>
Salone Internazionale del Mobile	Móveis e Decoração	Milão, Itália	14 a 19/04
Hannover Messe	Metalmeccânico/Automação	Hannover, Alemanha	19 a 23/04
Feira Internacional de Luanda (Filda)	Multissetorial	Luanda, Angola	20 a 25/07
Expocruz	Multissetorial	Santa Cruz de la Sierra, Bolívia	Setembro
Canton fair	Multissetorial	Guangzhou, China	15 a 19/10
Sial	Alimentos e Bebidas	Paris, França	17 a 21/10
FIHAV	Multissetorial	Havana, Cuba	Novembro

Estes eventos são financiados pela União Europeia.

### INFORMAÇÕES: Centro Internacional de Negócios de Goiás – CIN/FIEG

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco - Casa da Indústria, Setor Leste Vila Nova, Goiânia-GO  
Telefone: (62) 3219-1488 - cin@sistemafieg.org.br - www.cinfieg.org.br - www.sistemafieg.org.br



## Goiás deve mesmo se preparar para figurar no rol de fornecedores de álcool para o mercado mundial



Paulo Afonso Ferreira  
pauloafonso@sistemafieg.org.br

# Todos os caminhos levam ao etanol

O setor sucroalcooleiro representa atualmente mudança de paradigma na indústria goiana. Seu crescimento extraordinário e as perspectivas de saltos exponenciais motivaram a matéria principal desta edição da **Goiás Industrial**, na qual o leitor encontrará uma projeção de futuro. Se, em 1999, funcionavam em Goiás apenas 12 usinas de álcool, em 2005 elas já eram 14, com 14 outras em implantação. Em 2009, informa o presidente executivo do Sindicato das Indústrias de Fabricação de Álcool no Estado de Goiás (Sifaeg), André Luiz Baptista Lins Rocha, “moeram cana” 31 unidades, que serão acrescidas de duas este ano e outras duas em 2011. E não vai parar por aí.

Nesta década, a produção brasileira de etanol – nome nobre do álcool no mercado internacional – já elevou-se de 10,6 bilhões para perto de 26 bilhões de litros, com incremento em torno de 140%. Em Goiás, no mesmo período, o volume de etanol passou de 318,43 milhões de litros para 2,19 bilhões. É um acréscimo de 587%, conferindo ao nosso Estado a condição de segundo maior produtor do País, atrás apenas de São Paulo, que, com sua longa tradição nessa atividade econômica, foi responsável por 14,3 bilhões de litros, ou 55% do total do Brasil. Os investidores vieram e continuam



chegando, sobretudo do Sudeste e Nordeste, porque em Goiás o preço da terra é menor do que em outras regiões agrícolas, o solo e o clima favorecem o plantio de cana e os incentivos fiscais são atraentes. Com eles, nossos canaviais se expandiram a ponto da colheita projetar-se de pouco mais de 9,78 milhões de toneladas, em 2003, para os 40 milhões de toneladas da última safra. Melhor ainda é que o avanço dos canaviais no Estado não comprometeu a produção de alimentos. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que a área de cultivo de grãos em território goiano alterou-se, neste decênio, de mais de 90 mil para cerca de 520 mil hectares. Em 2010, a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA)

já reconheceu as vantagens do etanol da cana-de-açúcar, como combustível, na redução das emissões de gases provocadores do efeito estufa. Sessenta e um por cento menos poluidor do que a gasolina, ele agora está qualificado para abastecer a frota norte-americana, a maior do mundo, estimada em mais de 220 milhões de veículos. Tal decisão, nas contas do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Ícone), poderá abrir um mercado de 16 bilhões a 40 bilhões de litros, até 2022, quando os EUA estarão consumindo 136 bilhões de litros de biocombustíveis. E Goiás deve mesmo se preparar para figurar no rol dos fornecedores.



## CAPA

**26** Goiás precisou de quatro safras e investimentos de US\$ 10 bilhões, por baixo, para triplicar a produção de álcool, assumindo o posto de segundo maior produtor do Brasil na safra 2009/2010, quando processou 2,19 bilhões de litros, respondendo por 9% da oferta doméstica. Na última década, enquanto a produção brasileira cresceu 140%, o volume de etanol produzido no Estado aumentou quase sete vezes. Apenas na safra 2009/2010, as usinas goianas responderam por quase metade do crescimento na produção de cana em todo o País.

## ENTREVISTA

**8** O sistema burocrático deveria adotar regras simples e práticas “de ajuda aos cidadãos”, defende Ozires Silva, presidente do Conselho Consultivo do World Trade Center de São Paulo.

## QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

**13 e 16** O Sistema Fieg, por meio do Sesi e Senai, acelera investimentos para enfrentar a demanda do mercado por mão de obra qualificada. Já foram inaugurados novos núcleos de capacitação e novo centro tecnológico atende à nascente indústria automobilística.

## Estágio

**20** Pesquisa realizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), com base em consulta com 231 egressos do estágio de ensino superior de instituições públicas e privadas, localizadas na capital e no interior, mostra que 91,3% deles consideram que a experiência contribuiu de forma decisiva para sua vida profissional. Os entrevistados destacaram a oportunidade de colocar em prática o que foi aprendido na teoria, o conhecimento do mercado e a integração ao meio empresarial.



# índice

## SESI

**18 e 19** Diante do avanço explosivo dos casos de dengue em Goiás, o Sesi decidiu reforçar sua campanha de prevenção e controle da doença, em parceria com a Prefeitura de Goiânia. Em outra área, a instituição iniciou a construção do Teatro do Sesi, no clube Antônio Ferreira Pacheco, que deve estar pronto em setembro.



## ARRANJOS PRODUTIVOS

**22** O Projeto BID/Sistema Indústria para o desenvolvimento territorial, coordenado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e executado pelo Senai Goiás, mobiliza a indústria automotiva em Anápolis e Catalão. Os investimentos chegam a US\$ 1,5 milhão em quatro anos.



## ICQ BRASIL

**24** Empresas como Furnas, Cosplastic, Comigo (foto) e DEC Brasil, que já receberam certificação para seus sistemas de qualidade baseados na norma ISO 9001, apontam como vantagens o maior controle de processos e rotinas dentro da empresa, uso mais eficiente de recursos, com redução de desperdícios e perdas, e reconhecimento do mercado.

## GOIÁS 2020

**41** Depois de meses de debates e consultas a sindicatos do setor, empresários, técnicos, consultores e representantes da sociedade, a Fieg deverá promover o lançamento do projeto Goiás 2020: Indústria Rumo ao Futuro durante a Semana da Indústria, entre 24 e 28 de maio próximo.

## CORTE A BUROCRACIA

**42** A Fieg foi sede da primeira edição do Seminário Regional: Projeto Corte a Burocracia, que será reeditado agora nas demais regiões do País. A proposta, sob patrocínio da CNI, é montar um amplo projeto de desburocratização para tornar a economia mais eficiente.

## GOIAS INDUSTRIAL



### Direção

José Eduardo de Andrade Neto

### Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

### Edição

Lauro Veiga Filho

### Subeditor

Dehovan Lima

### Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira,  
Jávier Godinho e Isaura Carrijo

### Colaboração

Wellington da Silva Vieira

### Fotografia:

Sílvia Simões

### Capa e ilustrações

Willian Fernando

### Projeto gráfico

Wesley Cesar

### Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01,

Setor Bela Vista

(62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br

contato@clarimcomunica.com.br

### Publicidade

Superintendência da Fieg

(62) 3219-1470

(62) 3219-1720

### Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

## Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

### Presidente:

Paulo Afonso Ferreira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO  
Fone (62) 3219-1300  
Fax (62) 3229-2975

### Home page:

www.sistemafieg.org.br

### E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

## NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

### Presidente:

Waldyr O'Dwyer

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO  
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

### E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

## SESI

Serviço Social da Indústria  
Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira  
Superintendente: Paulo Vargas

## SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial  
Diretor Regional: Paulo Vargas

## IEL

Instituto Euvaldo Lodi  
Diretor: Daniel Viana  
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

## ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil  
Diretor: Daniel Viana  
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

## Diretoria da FIEG

### Presidente

Paulo Afonso Ferreira

### 1º vice-presidente

Pedro Alves de Oliveira

### 2º vice-presidente

Wilson de Oliveira

### 3º vice-presidente

Ivan da Glória Teixeira

### 1º secretário

Hélio Naves

### 2º secretário

Luiz Gonzaga de Almeida

### 1º tesoureiro

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

### 2º tesoureiro

Antônio de Sousa Almeida

## Diretores

César Helou  
Segundo Braoios Martinez  
Ubiratan da Silva Lopes  
Marley Antônio da Rocha  
Joviano Teixeira Jardim  
Frederico Martins Evangelista  
Jorge Luiz Biasuz Meister  
Aluísio Quintanilha de Barros  
João Essado  
Flávio Paiva Ferrari  
Eduardo Cunha Zuppani  
Laerte Simão  
Luiz Antônio Vessani  
José Vieira Gomide Júnior  
Carlos Alberto Vieira Soares  
Fábio Rassi  
Sávio Cruvinel Câmara  
José Luiz Martin Abuli  
Eurípedes Felizardo Nunes  
Aldrovan D. de Castro Júnior  
José Magno Pato  
Domingos Vilefort Orzil  
Roberto Guimarães Mendes  
Raimundo Viana Dutra  
Carlos Alberto Diniz  
Humberto Rodrigues de Oliveira  
Mário Renato G. de Azeredo

## Conselho Fiscal

Waldyr O'Dwyer  
Daniel Viana  
Heno Jácomo Perillo

## Conselho de representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira  
Sandro Antônio Scodro Mabel

## Conselho de

### representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior  
Álvaro Otávio Dantas Maia  
Ananias Justino Jaime  
Aurelino Antônio dos Santos  
Carlos Alberto Diniz  
Carlos Alberto Vieira Soares  
Carlos José de Moura Júnior  
Carlos Queiroz de Paula e Silva  
Carlos Roberto Viana  
Cyro Miranda Gifford Júnior  
Daniel Viana  
Domingos Sávio G. de Oliveira  
Edilson Borges de Sousa  
Eduardo Cunha Zuppani  
Eduardo Gonçalves  
Eduardo José de Farias  
Ermani Martins Almeida  
Eurípedes Felizardo Nunes  
Fábio Rassi  
Flávio Paiva Ferrari  
Francisco Gonzaga Pontes  
Francisco de Paula e Silva  
Henrique Wilhem Morg de Andrade  
Hermínio Pometto Neto  
Hélio Naves  
Heno Jácomo Perillo  
Jaime Canedo  
Jair Rizzi  
Jairo França  
João Essado  
Joaquim Cordeiro de Lima  
Jorcelino José Nunes Neto  
José Alves Pereira  
José Antônio Vitti  
José Divino Arruda  
José Francisco de Souza  
José Luiz Martin Abuli  
José Magno Pato  
José Vieira Gomide Júnior  
Laerte Simão  
Leonardo Jayme de Arimatéa  
Leopoldo Moreira Neto  
Luiz Carlos de Moura  
Luiz Gonzaga de Almeida  
Luiz Ledra  
Luiz Rézio  
Manoel Paulino Barbosa  
Mário Drummond Diniz  
Marley Antônio Rocha  
Moacyr Rabello Leite Neto  
Orizomar Araújo de Siqueira  
Paulo Afonso Ferreira  
Pedro Alves de Oliveira  
Pedro Daniel Bittar  
Pedro de Souza Cunha Júnior  
Roberto Elias de Lima Fernandes  
Robson Peixoto Braga  
Rubens Luiz Bernardes  
Rodolfo Luis Xavier Vergílio  
Sandro Antônio Scodro Mabel  
Sávio Cruvinel Câmara  
Segundo Braoios Martinez  
Ubiratan da Silva Lopes  
Valdenício Rodrigues de Andrade  
Wellington Soares Carrijo  
Wilson de Oliveira

## Conselho Temáticos

### Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Presidente

Ivan da Glória Teixeira  
Vice-Presidente  
Melchiades da Cunha Neto

### Conselho Temático de Meio Ambiente Presidente

Henrique W. Morg de Andrade  
Vice-Presidente  
Domingos Sávio Gomes de Oliveira

### Conselho Temático de Infraestrutura Presidente

Roberto Elias de Lima Fernandes  
Vice-Presidente  
Célio de Oliveira

### Conselho Temático de Política Econômica Presidente

Marley Antônio Rocha  
Vice-Presidente  
Beyle de Abreu Freitas

### Conselho Temático de Relações do Trabalho Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira  
Vice-Presidente  
Ricardo Roriz

### Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa Presidente

Humberto Rodrigues de Oliveira  
Vice-Presidente  
Carlos Alberto Vieira Soares

### Conselho Temático de Responsabilidade Social Presidente

Antônio de Sousa Almeida  
Vice-Presidente  
Melchiades da Cunha Neto

### Conselho Temático de Agronegócios Presidente

André Luiz Baptista Lins Rocha  
Vice-Presidente  
Rodrigo Penna Siqueira

### Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais Presidente

Heribaldo Egídio  
Vice-Presidente  
Igor Montenegro Celestino Otto

### Conselho Temático Fieg Jovem Presidente

Alexandre Costa  
Vice-Presidente  
Marduk Duarte

### Rede Metodológica Goiás Presidente

Heribaldo Egídio

### Câmara Setorial de Mineração Presidente

Luiz Antônio Vessani

## Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás - FIEG

**Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010**

### **SIAEG**

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás  
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel  
Fone/Fax: (62) 3224-9226  
siaeg@terra.com.br

### **SIEEG**

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal  
Orlando Alves Carneiro Júnior  
Fone (62) 3212-6092  
Fax 3212-6092  
sieeg@sistemafieg.org.br

### **SIGEGO**

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás  
Presidente: Antônio de Sousa Almeida  
Fone (62) 3223-6515  
Fax 3223-1062  
sigego@sistemafieg.org.br

### **SIMAGRAN**

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás  
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva  
Fone/Fax (62) 3224-8688

### **SINCAFE**

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás  
Presidente: Sávio Cruvinel Câmara  
Fone (62) 3212-7473  
Fax 3212-5249  
sincafe@sistemafieg.org.br

## Outros endereços

### **SIAGO**

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás  
Presidente: Pedro Alves de Oliveira  
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno - CEP 74210-160 - Goiânia - GO  
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

### **SIFACÚCAR**

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás  
Presidente: Segundo Braoios Martinez  
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha  
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO  
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

### **SINDAGO**

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás  
Presidente: Ermani Martins de Almeida  
Fone/Fax (62) 3224-8688

### **SINDIALF**

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás  
Presidente: Daniel Viana  
Fone (62) 3223-2050

### **SINDIBRITA**

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF  
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto  
Fone/Fax (62) 3223-6667  
sindibrita@sistemafieg.org.br

### **SINDICALCE**

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás  
Presidente: Flávio Ferrari  
Fone/Fax: (62) 3225-6402  
sindicalce@sistemafieg.org.br

### **SINDICARNE**

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal  
Presidente: José Magno Pato  
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521  
sindicarne@sistemafieg.org.br

### **SIFAEG**

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Álcool no Estado de Goiás  
Presidente: Segundo Braoios Martinez  
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha  
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO  
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045 - sifaeg@terra.com.br

### **SIMESGO**

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano  
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes  
Rua Costa Gomes, nº 143 - Jardim Marconal - CEP 75901-550 - Rio Verde - GO  
Fone/Fax (64) 3613-4810

### **SIMELGO**

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás  
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira  
Fone/Fax (62) 3224-4462  
contato@simelgo.org.br

### **SIMPLAGO**

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás  
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos  
Fone (62) 3224-5405  
simplago@sistemafieg.org.br

### **SINDICURTUME**

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás  
Presidente: João Essado  
Fone/Fax: (62) 3212-3970  
sindicurtume@sistemafieg.org.br

### **SINDIGESSO**

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás  
Presidente: José Luiz Martin Abuli  
Fone: (62) 3224-7443  
sindigesso@sistemafieg.org.br

### **SINROUPAS**

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia  
Presidente: Edilson Borges de Sousa  
Rua I. 137, nº 87 - Setor Marista  
CEP 74180-160 - Goiânia - GO  
Fone/Fax: (62) 3088-0877  
sinroupas@yahoo.com.br

### **SINDUSCON-GO**

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás  
Presidente: Roberto Elias de Lima Fernandes  
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste - CEP 74120-110 - Goiânia - GO  
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

### **SINDILEITE**

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás  
Presidente: Ananias Justino Jaime  
Fone (62) 3212-1135  
Fax 3212-8885  
sinleite@terra.com.br

### **SINDIPÃO**

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás  
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida  
Fone: (62) 3224-0422  
sindipao@sistemafieg.org.br

### **SINDIREPA**

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás  
Presidente: José Francisco de Souza  
Fone (62) 3224-0121  
sindirepa@sistemafieg.org.br

### **SINDMÓVEIS**

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás  
Presidente: Manoel Paulino Barbosa  
Fone/Fax (62) 3224-7296  
sindmoveis@sistemafieg.org.br

### **SINDTRIGO**

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste  
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa  
Fone (62) 3223-9703  
sindtrigo@sistemafieg.org.br

### **SININCEG**

Sindicato das Indústrias de Calciário, Cal e Derivados no Estado de Goiás  
Presidente: José Antônio Vitti  
Fone/Fax (62) 3213-0378  
sininceg@sistemafieg.org.br

### **SINPROCIMENTO**

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás  
Presidente: Luiz Ledra  
Fone (62) 3224-0456/  
Fax 3224-0338  
siac@sistemafieg.org.br

### **SINDQUÍMICA-GO**

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás  
Presidente: Eduardo Cunha Zuppani  
Fone (62) 3212-3794/  
Fax 3225-0074  
sindquimica@sistemafieg.org.br

### **SINVEST**

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás  
Presidente: José Divino Arruda  
Fone/Fax (62) 3225-8933  
sinvest@sistemafieg.org.br

## Anápolis

**Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis-GO  
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565  
sind.industria@terra.com.br**

### **SIAA**

Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis  
Presidente: Wilson de Oliveira

### **SICMA**

Sindicato das Indústrias de Construção e do Mobiliário de Anápolis  
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

### **SINDIFARGO**

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás  
Presidente: Eduardo Gonçalves

### **SIMEA**

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis  
Presidente: Robson Peixoto Braga

### **SINDICER**

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás  
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

### **SIVA**

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis  
Presidente: Jair Rizzi

**Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.**

# SIMPLES E EFICIENTE

■ Lauro Veiga Filho

Ao contrário do senso comum, a burocracia deveria existir para facilitar a vida de todos, definindo métodos e critérios para organizar e simplificar a relação entre o governo e a sociedade. Por isso, defende o engenheiro Ozires Silva nesta entrevista à **Goiás Industrial**, o sistema burocrático deveria adotar um conjunto de regras simples, diretas e práticas “de ajuda aos cidadãos”. Os excessos terminam produzindo exatamente o efeito inverso ao reduzir a capacidade de competir das empresas, via elevação desmedida de custos, diminuindo, portanto, as próprias chances de crescimento da economia como um todo. O ex-ministro foi um dos criadores da Embraer e presidiu a Petrobras.



**Goiás Industrial – Na visão privilegiada de quem teve passagem destacada no setor público e igualmente no setor privado, qual deveria ser o papel da burocracia no dia-a-dia de um país?**

Ozires Silva – A burocracia (bureau = administração, cracia = autoridade) é uma palavra criada para indicar o gerenciamento profissional exercido por especialistas que, de forma organizada, segundo pirâmides hierárquicas, funcionando de forma impessoal, submetem pessoas e organizações a regras e regulamentos uniformes. Max Weber, jurista e economista alemão, considerado o pai da Sociologia, descreveu a burocracia como uma estrutura disponibilizada para as autoridades exercerem sua liderança legal, que muitos consideram “dominação”, aspecto inevitável nos casos de concentração

do poder. Dessas colocações, feitas por estudiosos no assunto, diria que a burocracia deveria ser usada como algo a serviço dos povos, não como instrumento de dominação, mas como meio eficaz de simplificar e tornar eficientes ações de indivíduos ou de organizações em favor do funcionamento das sociedades humanas, como sejam, as cidades, regiões, estados e mesmo países. Para isso, deveria ser um conjunto simples, direto e prático de ajuda aos cidadãos.

**Goiás Industrial – No caso brasileiro, quais os principais entraves impostos ao País pela burocratização excessiva? Mais objetivamente, de que forma esses excessos afetam a economia e os negócios, levando-se em conta, entre outros fatores, as pressões do governo de transformar**

**o Brasil num player global?**

Ozires Silva – A própria pergunta já classifica a burocracia vigente no Brasil como excessiva, o que é verdade. Os excessos identificados não são exercidos somente nos três níveis de governo (federal, estadual e municipal) e no Brasil, pois devido às típicas generalizações, mais recentemente nota-se que até as empresas privadas (em particular as de prestação de serviço público) também começam a impor regras de funcionamento e de atendimento descabidas. Realmente, temos de compreender que o mundo é hoje global, pois, em decorrência das comunicações universais e instantâneas, produtos de todo o mundo são vendidos e exportados para todas as partes. Assim se desenvolveu o conceito de competição global. Isto é, o que for produzido num país

tem de levar em conta a produção do mesmo item em qualquer país ou região. E se isto não puder ser conseguido de forma competitiva, certamente o produtor local poderá enfrentar prejuízos significativos. A burocracia excessiva, por esses mecanismos, contribui decisivamente para a redução do poder competitivo da produção nacional. Em resumo, a burocracia também deve ser instrumento para favorecer a competitividade.

**Goiás Industrial – Que tipo de política seria recomendado ou quais medidas poderiam ser adotadas para reduzir esses entraves burocráticos?**

Ozires Silva – Seriam políticas simplificadoras ou de desregulamentações periódicas, que, neste último caso, são frequentes, por exemplo, nos Estados Unidos. Os americanos conseguiram desenvolver um sistema de respeito ao cidadão que é mantido (embora ainda ocorram muitas reclamações) de acordo com a Constituição, editada em 1787 pelo primeiro Estado que a ratificou, dentro da forma de governo federativo. No Brasil, não se conhece desregulamentações legalmente adotadas. A nossa legislação é uma soma contínua de novas normas, embora em certos artigos de documentos legais encontram-se expressamente declarados revogados itens ou mesmo diplomas legais completos, mecanismo esse que claramente continua gerando confusões, sempre requerendo auxílio de especialistas em interpretação.

**Goiás Industrial – Há uma reclamação recorrente de diversos setores, mais especialmente na área das empresas de engenharia, contra a suposta lentidão e o excesso de exigências de órgãos ambientais. Essas queixas têm procedência?**

Ozires Silva – A concepção de que a preservação do meio ambiente é algo importante, felizmente, impregnou a humanidade. Finalmente, estamos globalmente entendendo que vivemos isolados no sistema planetário e segregados por condições muito especiais, oferecidas pela Terra. Em resumo, compre-



endemos que essas condições precisam ser conservadas, sob pena de colocar a vida sob risco. Isso dito, uma observação sobre as queixas. Elas ocorrem e, muitas vezes, com razão. Sem querer ser professor gostaria apenas de dizer que os responsáveis pelos laudos produzidos precisariam não perder o foco da globalidade. Em outras palavras, procurar pensar em balanceamentos tão gerais quanto possível. Procurar entender que mesmo que algo novo provoque algum dano ambiental, deveriam examinar se o novo projeto, se não levado a termo, não corrigiria algo mais grave ou mesmo encetaria uma solução de longo prazo que valha a pena. Lembrar que o Projeto Terra foi feito com concessões para que tudo funcionasse adequadamente. Mesmo a natureza, de quando em quando, provoca correções, como terremotos, tempestades, inundações, etc. Certamente, também do lado humano correções precisam ser feitas e, se fosse possível colocar ideias e julgamentos mais amplos, os prazos para as concessões ou negativas de autorização poderiam ser reduzidos.

**Goiás Industrial – A preservação ambiental não deveria ser incorporada pelo empresariado como paradigma na montagem de empreendimentos e na realização de seus negócios num momento em que o mundo debate soluções globais**

**“O baixo nível de investimento na infraestrutura representa um obstáculo capaz de determinar níveis insuficientes de atividade econômica com reflexo em todo o tecido social”**

**para esses problemas?**

Ozires Silva – Creio que, na maioria das vezes, a mentalização do empresariado caminha na direção colocada na pergunta, isto é, o conceito incorporado quanto à necessidade de se proteger o meio ambiente. Infelizmente, no Brasil, há um consenso muito difundido de que os empresários não procedem corretamente. Do meu lado, depois de ter levado uma longa vida em contato com empresários de todos os tipos e níveis, meu julgamento pessoal é muito mais ameno, embora aceitando que haja exceções na boa regra na qual acredito.

**Goiás Industrial – A existência de projetos que não atendem ao que determina a legislação, principalmente na área ambiental, pode ser apontada como explicação para o atraso na concessão de licenças?**

Ozires Silva – As legislações sobre o meio ambiente, como não poderia deixar de ser, não respondem a equações matemáticas, da soma de dois mais dois resultando em quatro. Elas tendem a ser genéricas, deixando enormes espaços para os analistas governamentais de processos. Por outro lado, a diretriz básica de projetos da natureza tem como base a diversidade. Creio que podemos afirmar que não há duas árvores iguais que tenham todas suas folhas iguais. Mesmo



**“A burocracia excessiva (...) contribui decisivamente para a redução do poder competitivo da produção nacional. Em resumo, a burocracia também deve ser instrumento para favorecer a competitividade”**

nos seres vivos, também não há, por exemplo, duas pessoas iguais. Assim, tomando-se por base a diversidade, torna-se impossível se estabelecer regras iguais para todas as circunstâncias. Desse modo, acredito que o período de tempo requerido para as análises depende mais da atitude dos responsáveis pelas autorizações do que de uma lei escrita que não pode ser rígida. Há ainda a cultura governamental de boa proporção dos funcionários públicos que não se julgam servidores do público. Esses não tomam conhecimento das necessidades de urgência dos insipientes cidadãos.

**Goiás Industrial – Associada aos excessos burocráticos, a elevada carga tributária surge como outra reclamação do mundo empresarial. De que forma a burocracia e a política tributária/fiscal se relacionam no Brasil?**

Ozires Silva – Na realidade, a carga fiscal vem da crescente necessidade do Estado procurar aumentar suas receitas, alegando que precisa responder aos mais variados custos da máquina pública. Esses custos têm crescido acentuadamente nos últimos anos, atingindo um percentual do Produto Industrial Bruto (PIB) muito grande, com retorno à população bastante discutido pelos interessados e analistas da matéria. A burocracia representa uma boa parcela

desses custos, que aparecem embutidos em todos os procedimentos governamentais, com a criação de embaraços cada vez mais difíceis de superar. Tudo isto, creio, vem de uma cultura consolidada de pouca confiança da máquina pública nos cidadãos e, portanto, papéis e formulários são criados para superar essa concepção. Muitos defendem que há razões para isso, mas, embora não sabendo o que nasceu primeiro, o Brasil está correndo alto risco de se transformar em um país não-competitivo na escalada da globalização da economia e do comércio.

**Goiás Industrial – Engenheiro aeronáutico e piloto, o sr. liderou o grupo que desenvolveu o Bandeirante e que criou a Embraer, participando do governo como ministro de Infraestrutura, além de presidir a Petrobras. De que forma o sr. analisa a situação da infraestrutura brasileira atualmente e como o baixo investimento no setor tem afetado o desempenho da economia?**

Ozires Silva – O desenvolvimento de uma nação depende diretamente da capacidade de criar, investir e promover novas iniciativas e investimentos das pessoas, dos cidadãos. Nota-se claramente no mundo que as regiões ou países mais desenvolvidos dependem do espírito empreendedor e realizador de sua população. Assim, há

uma equação muito direta que determina a construção, o progresso e o desenvolvimento econômico: educação abrangente e de qualidade habilitada a capacitar cada cidadão para ser um vencedor na sociedade competitiva da atualidade; sistemas de saúde e de nutrição de altos níveis capazes de assegurar o crescimento de indivíduos saudáveis e dotados das melhores características físicas e mentais; uma infraestrutura material que apoie os esforços e iniciativas dos cidadãos, no sentido de levar a termo suas criações e iniciativas; um sistema financeiro que disponha de mecanismos operacionais suficientes para proporcionar os recursos fundamentais para qualquer iniciativa construtiva. Assim, o baixo nível de investimento na infraestrutura, em particular, daquelas obras e serviços tipicamente de origem governamental, representa um obstáculo capaz de determinar níveis insuficientes de atividade econômica com reflexo em todo o tecido social (pobreza, subdesenvolvimento, empregabilidade, etc).

**Goiás Industrial – Além de ter tido participação destacada na criação da Embraer, atualmente o sr. participa da Academia Brasileira de Estudos Avançados, sendo um dos investidores da Pele Nova Biotecnologia. Em outras palavras, o sr. esteve sempre à frente de setores de techno-**

**logia de ponta. Qual sua visão em relação à política tecnológica do governo e do estágio de desenvolvimento alcançado pelo País no setor?**

Ozires Silva – O governo brasileiro, em todos os três níveis – federal, estadual e municipal –, tem gasto significativamente para manter ministérios, secretarias, departamentos e outros para estimular o desenvolvimento de projetos para a criação ou aperfeiçoamento de tecnologias inovadoras. Nesses aspectos, segundo consta nas publicações indexadas, o nosso país pouco deixa a desejar perante o que acontece nas novas nações emergentes, embora ainda não se possa igualar às economias mais desenvolvidas. No entanto, as tecnologias criadas por inventores, pesquisadores, universidades, centros de pesquisas raramente se tornam produtos que preencham necessidades dos consumidores. Em outras palavras, o que se cria nesse campo no Brasil não chega às prateleiras das empresas comerciais. O resultado se mede pelo número de marcas brasileiras que temos no comércio e na indústria. Muito poucas quando comparado mesmo com outras economias, mesmo as mais modestas. Entendo que, para trazer resultados, precisamos ampliar o apoio ao desenvolvimento tecnológico criando mecanismos financeiros que ajudem e apoiem os empreendedores a iniciar seus negócios. Em outras palavras, como asseguram os coreanos e chineses, deve-se procurar oferecer suporte aos projetos que objetivem tecnologia, capacitação e crédito.

**Goiás Industrial – A política macroeconômica tem remado contra os objetivos pretendidos pelo governo, ainda na área tecnológica, ao impor custo elevado ao setor exportador de manufaturas, levando a uma especialização da economia centrada na produção de bens primários e commodities?**

Ozires Silva – A pergunta está centrada em algo que se constitui entre as mais sérias deficiências do nosso sistema produti-

vo. Realmente o Brasil transformou-se num dos maiores exportadores mundiais de bens primariamente processados e/ou commodities. Vendemos ao mundo, com intensidade, recursos naturais a preços, por unidade de peso, extremamente baixos. Por exemplo, minérios, produtos agrícolas são vendidos a alguns centavos de dólar por quilo e importamos artigos processados, a milhares de dólares (por exemplo, eletrônicos – a mais de US\$ 1 mil o quilograma...). Os países mais prósperos oferecem exemplos de um comércio exterior no qual as exportações atingem expressivos valores, garantindo sempre a possibilidade de importar o que há de melhor no mercado internacional. Novas políticas públicas são essenciais para a reversão dessa situação secundária na qual o País vive. Aliás, a produção de aviões pela Embraer é um bom exemplo.

**Goiás Industrial – O sr. tem criticado o fato de a Embraer estar fora da concorrência para compra de novos caças para a FAB. Qual sua opinião a respeito dessa decisão e**



**“Nos outros países, em particular nos mais desenvolvidos, as compras governamentais são utilizadas para promover o progresso e o desenvolvimento econômico internos”**

**por que a empresa não será contemplada na concorrência? A Embraer tem competência técnica para fabricar e fornecer os caças à Força Aérea Brasileira?**

Ozires Silva – Ao longo dos últimos 60 anos a própria FAB criou o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), de São José dos Campos (SP), para formar engenheiros aeronáuticos e criar a possibilidade de que o Brasil pudesse contar com a produção de aviões, trabalhando no sentido inverso do colocado na pergunta e resposta anteriores. Ou seja, agregar valor aos produtos produzidos. A FAB foi a principal realizadora da Embraer de hoje, desde o sistema educacional necessário para produzir os recursos humanos fundamentais para o objetivo do processo, até a criação da própria Empresa Brasileira de Aeronáutica, que hoje surpreende o mundo com produtos de alta tecnologia e eficientemente competitivos. O mundo demonstra que o desenvolvimento econômico das nações vem da capacidade de inovar, ou seja, de fabricar produtos que ainda não foram produzidos. Todos os aviões que a Embraer lançou até hoje, nos seus primeiros 40 anos de atividade industrial, foram mais ou menos vitoriosos. Assim, cabe a pergunta: por que a empresa que a FAB criou, capaz de vencer a competição mundial em vários mercados em todo o planeta (produtos da Embraer voam hoje, comercialmente, em quase 90 países), não participa da concorrência? Por que essa dúvida se a empresa tem a competência técnica ou não para fabricar e fornecer os aviões desejados pela nossa Força Aérea? Mais uma vez, todos os aviões que a empresa lançou de modo bem sucedido, durante os seus primeiros 40 anos de vida, foram projetados com base no desafio de produzi-los. Para nenhum deles as equipes de projeto e de fabricação tinham o conhecimento necessário básico e essencial para chegar aos resultados conseguidos. Os esforços mundiais para o desenvolvimento tecnológico estão na raiz do que se discute. Buscar resultados na produção de produtos

que, se for possível, não encontrem competidor, mesmo que, no momento da partida, não se saiba como produzi-los.

**Goiás Industrial – Qual o tratamento dado ao setor aeronáutico em outros países, como os Estados Unidos? A participação de estrangeiros nas compras realizadas pelas Forças Armadas é plenamente aceita ou há limites e restrições? Como funcionam as concorrências para compra de equipamentos sensíveis, sob o ponto de vista da segurança nacional?**

Ozires Silva – Nos outros países, em particular nos mais desenvolvidos, as compras governamentais (sempre pagas com o resultado da coleta de impostos e taxas, portanto recursos oriundos do trabalho da população) são utilizadas para promover o progresso e o desenvolvimento econômico internos. Nos Estados Unidos, por exemplo, há uma lei de 1933 – o Buy American Act – que determina que o governo somente pode comprar seus produtos no mercado doméstico. No caso dos importados, quando necessária a importação, têm de ser fornecidos com um mínimo de 50% de mão de obra nacional. No Brasil, ao contrário, os governos como um todo são os maiores importadores.

**Goiás Industrial – No começo dos anos 90, o sr. retornou ao comando da Embraer. Àquela altura, não havia condições para a empresa sobreviver sob controle estatal? Por quê? Quais fatores conduziram à decisão de privatizar a empresa?**

Ozires Silva – Desde os primeiros tempos, quando pensávamos na fabricação de aviões no Brasil, acompanhava nossas convicções que jamais se poderia pensar em volumes econômicos de produção, somente com as possibilidades de contar com o mercado doméstico brasileiro. Tínhamos, desde o início, de contar com as exportações. Todos os projetos da

Embraer, desde o primeiro Bandeirante, foram concebidos segundo regras, especificações e certificações internacionais para conseguir acesso aos mercados dos mais diferentes países. Ainda no início das ideias que promoveram a origem da empresa sabíamos que a flexibilidade e a dinâmica empresariais eram fundamentais para atuar no mercado externo. Não conseguimos, embora muito tenhamos tentado, iniciar a empresa como entidade do setor privado. Embora procurados, nunca se conseguiu investidores interessados em colocar capitais à disposição de uma produção nacional de aeronaves. Não tínhamos credibilidade e não conseguimos demonstrar a capacidade técnica das equipes de engenharia e de produção nacionais. Mas, conseguimos convencer o governo a criar uma sociedade de economia mista, mas sob a promessa de que, um dia, a empresa seria privatizada. No alvorecer dos anos 1990, a indústria de produção de aviões destinados ao transporte aéreo (área de atuação da Embraer) enfrentou profunda crise internacional, decorrente da redução da demanda provocada por crescentes atos terroristas. As vendas da nossa empresa caíram verticalmente, as iniciativas financeiras do governo Collor (congelamento dos ativos financeiros), além de cessação de financiamento para os aviões exportados, levaram a Embraer

**“As tecnologias criadas por inventores, pesquisadores, universidades, centros de pesquisas raramente se tornam produtos que preencham necessidades dos consumidores”**

a pesadas dificuldades, com vendas que se aproximaram do zero. Por outro lado, a legislação editada depois da criação da empresa em 1970 foi no sentido de engessar a liberdade administrativa empresarial. Tudo isso formou o ambiente que justificava a privatização, iniciada, oficialmente em 15 de janeiro de 1992, completando-se em dezembro de 1994.

**Goiás Industrial – Numa fase mais recente, já sob controle privado, a Embraer experimentou forte crescimento. A mudança na gestão explica esse processo? Não ocorreram outros fatores que ajudaram a impulsionar os negócios da empresa, aqui dentro e lá fora?**

Ozires Silva – A Embraer como empresa privada, desde o seu processo inicial, após deixar para trás a gestão governamental, experimentou uma nova dinâmica nos seus procedimentos e regulamentos administrativos. Ganhou métodos e processos de decisão jamais possíveis dentro da administração pública. Por outro lado, a crise dos anos 1990 foi ficando para trás. O mercado mundial se recuperou e o crescimento do transporte aéreo voltou ao seu ritmo normal, observado desde o término da 2ª Guerra Mundial, com crescimento histórico de 6 a 7% ao ano. Sem as dificuldades administrativas impostas pelos procedimentos governamentais, a Embraer lançou novos aviões, financiados pelo setor privado, o que não era possível no passado. Criou produtos mais modernos e competitivos, num mercado, cuja demanda respondia. A empresa ganhou musculatura para cobrir o mundo, criando subsidiárias e atividades que, anteriormente, dependiam de aprovação do Senado Federal, sempre reticente. Um novo cenário para os produtores de aviões comerciais e privados bem mais favorável ajudou sensivelmente nossa empresa de construção aeronáutica a participar e vencer.



qualificação profissional

# PELA PORTA DA FRENTE

Diante da crescente demanda das indústrias, Sesi e Senai Goiás se mobilizam para garantir aos trabalhadores melhores condições de empregabilidade

## ■ Andelaide Pereira

A notícia não é nova e por isso mesmo ainda preocupa o setor produtivo e trabalhadores, sobretudo os desempregados. No ano passado, dos 188,5 mil trabalhadores que procuraram o Sistema Nacional de Emprego (Sine Goiás), apenas 31.952 conseguiram uma ocupação. Os

outros 156.553 não preencheram as vagas oferecidas por falta de qualificação profissional. O problema tende a se agravar com o avanço da economia, a rápida evolução tecnológica nos processos de produção e as novas tendências de mercado.

Integrantes do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Sesi e Senai,

ao longo de mais de meio século de atuação no Estado, vêm ampliando e diversificando suas atividades na área de educação com o objetivo de formar cada vez mais mão-de-obra especializada para minimizar esse déficit. As instituições também investem na modernização e ampliação de seus ambientes de ensino, na atualização tecnológica e na capacitação do quadro de docentes.

## Alimentos, construção e aviões

Em 2009, parcerias com prefeituras e indústrias possibilitaram a construção e inauguração de núcleos integrados Sesi Senai nos municípios de Senador Canedo, na Região Metropolitana de Goiânia; Formosa, no Entorno do Distrito Federal; e em Barro Alto, no Centro Goiano. Além disso, foram ampliadas as unidades integradas de Rio Verde, no Sudoeste; e de Niquelândia, no Norte Goiano.

Em Anápolis, a Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange inaugurou o Centro Tecnológico Automobilístico Senai/Hyundai, destinado à qualificação de jovens e adultos, bem como de técnicos da rede de concessionários da marca sul-coreana. Em Goiânia, a Escola Senai Vila Canaã e a Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna inauguraram novas oficinas e laboratórios nas áreas de mecânica automotiva, refrigeração, construção civil, alimentos, soldagem, plástico, ferramentaria e de manutenção de aeronaves.

Para o diretor regional do Senai e superintendente do Sesi Goiás, Paulo Vargas, os investimentos realizados em novos cursos, equipamentos, ambientes e em estratégias flexíveis de ensino visam atender à acelerada e diversificada demanda das indústrias. “Nosso objetivo é preparar profissionais com perfil mais completo e adequado à nova realidade do setor produtivo.”



**Mecânica: Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange inaugura Centro Tecnológico Automobilístico Senai/Hyundai**

## Avanços com novo método

As ações têm dado bons resultados. O Senai fechou 2009 com cerca de 85% dos concluintes de seus cursos empregados. “A empregabilidade decorre do novo método empregado nas ações educativas: trabalho cooperativo e equipe; capacidade de pensar, de decidir, de ter iniciativa e responsabilidade; e a capacidade de compreender simultaneamente os processos de produção, de manutenção e de controle. A qualidade é a meta a ser perseguida a todo momento”, explica o diretor de Educação e Tecnologia do Sesi Senai Goiás, Manoel Pereira da Costa.

Márcio Felipe Alves, de 31 anos, atua há pouco mais de três meses na área de manu-

tenção da Belma Alimentos, em Anápolis. Ele conta que conquistou o novo emprego no final de 2009, quando ainda fazia o curso de qualificação em manutenção mecânica na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia. “Trabalhava há seis anos em uma indústria em Aparecida de Goiânia, mas senti que precisava crescer profissionalmente. Sabia como executar minha função, mas desconhecía a teoria. Decidi fazer o curso no Senai e logo surgiu a oportunidade de um emprego melhor. Hoje, conheço o processo de produção como um todo, estou bem mais preparado e ganho mais. Agora, pretendo fazer o curso de eletricidade”, planeja.

# Ensino articulado se expande e conquista prêmio

Em outra frente de atuação, Sesi e Senai também se uniram para lançar em Goiás, há dois anos, um produto que já é modelo no País dentro do Sistema Indústria. O projeto de articulação entre a Educação Básica e a Educação Profissional (Ebp) resultou na implantação de cursos com três anos de duração, nos quais os concluintes saem com o ensino médio e um curso profissionalizante, em áreas como automobilística, alimentos, artes gráficas, eletrotécnica, eletromecânica e química. Bem-sucedida em Goiânia e Anápolis, a experiência foi ampliada, este ano, para as unidades de Aparecida de Goiânia, Rio Verde, Catalão, Itumbiara, Niquelândia e Minaçu, com abertura de mais 800 vagas.

O novo produto tem colhido bons frutos. No ano passado, três alunos do ensino médio articulado com a educação profissional do Sesi Senai Anápolis conquistaram medalha de ouro na 1ª Olimpíada Nacional de História do Brasil, promovida pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Das três equipes que representaram Goiás na competição, a do Sesi Senai foi a única que trouxe o ouro para o Estado.

Estudantes do 2º ano do curso técnico em eletrotécnica, Andrielle Campos, Ângelo de Souza e Bruno Oliveira concorreram com quase 4 mil equipes de escolas públicas e particulares de todo o País e disputaram cinco fases realizadas via educação a distância. Para a etapa final e presencial da competição, realizada de 11 a 13 de dezembro, em Campinas (SP), eles viajaram acompanhados dos professores Eder Mendes de Paula e Tiago Pinheiro Oliveira, que receberam placas de homenagem.



**Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna: novas oficinas e laboratórios para capacitação de trabalhadores**

## Aproveitamento máximo

Para a coordenadora pedagógica do ensino médio articulado com a educação profissional do Sesi Senai Anápolis, Marciana Neves, a conquista da medalha de ouro significa que o projeto de educação integrada está no caminho certo. “Essa foi a nossa primeira participação em eventos nacionais e, felizmente, conseguimos o grau máximo de aproveitamento. É um resultado ousado para dois anos de trabalho. Ficamos confiantes na proposta pedagógica e desejosos de fazer mais e melhor.”

Com o nome Identidade e Diferença, a equipe do Sesi e Senai Anápolis mostrou ser capaz de superar as adversidades. “Chegamos para a disputa em São Paulo em 147º lugar, fizemos provas discursivas com foco em História do Brasil e análise de documentos, concorremos com outras 300 equipes e ficamos entre as 15 que alcançaram o 1º lugar. Para nós, a conquista é resultado de um trabalho interdisciplinar em que tivemos total apoio e orientação dos professores e da coordenação pedagógica”, avalia o aluno Bruno Oliveira.



**Bruno Oliveira, Andrielle Campos e Ângelo de Souza: medalha de ouro na 1ª Olimpíada Nacional de História do Brasil**



■ Isaura Carrijo

Partindo da premissa de que o ensino de qualidade deve oferecer elementos básicos capazes de nortear o desenvolvimento dos alunos no decorrer de seu aprendizado, o Sesi Goiás tem se preocupado em direcionar, continuamente, atenção à qualidade e à busca pela excelência na educação.

A estratégia reforça a decisão da instituição de atuar em parceria com o Senai para expandir o projeto de articular a educação básica e a educação profissional, dentro da constatação de que a má qualidade do ensino no País prejudica enormemente a qualificação da mão de obra.

Para a gerente de Educação do Sesi Goiás, Ângela Butta, o investimento em estrutura física influencia quando, aliada a isso, a escola é capaz de promover a prática pedagógica inclusiva, com ênfase no aprendizado. “Qualidade em educação começa em oferecer adequada estrutura física, professores continuamente capacitados e comprometidos com a docência.”

## A busca pela EXCELÊNCIA

Sesi e Senai Goiás aceleram a expansão do projeto que associa educação básica à formação profissional em todo o Estado

Dessa forma – acrescenta Ângela –, investimentos em educação devem englobar não apenas o âmbito estrutural das instituições. É necessário reconhecer também a importância de se valorizar e investir no capital humano, ou seja, nas pessoas, elementos essenciais à realização do processo ensino-aprendizagem.

Ângela Butta lembra que recentemente todas as escolas do Sesi em Goiás passaram por reformas e ampliações. Um exemplo é a Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, no Norte Goiano, cujas melhorias incluíram a construção de espaço destinado a turmas de Ensino Básico e Profissionalizante (Ebep), com inauguração prevista para março.

## REFORMAS

Os números comprovam o esforço do Sesi Goiás para promover melhorias na educação. Somente em 2009, a instituição investiu cerca de R\$ 3,5 milhões em reformas, construção e ampliação de suas escolas. Professor de Geografia das turmas de Educação Articulada, da Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida de Goiânia, Thiago Francesco Borges observa que o investimento se constituiu em benefício imediato para todos.

“Temos uma estrutura diferenciada, com salas climatizadas, aparato tecnológico e grande número de recursos didáticos para que as aulas sejam sempre dinâmicas.”

## Capacitação para professores

■ Seguindo o princípio de que a valorização do professor é fator que determina a qualidade do ensino, o Sesi Goiás realizou, no início de janeiro, capacitação para mais de cem professores da Educação Básica e Educação Profissional (Ebep), o ensino articulado, que atuam nas unidades Sesi Senai de Aparecida de Goiânia, Catalão, Rio Verde, Itumbiara, Minaçu e Niquelândia, além daqueles que já atuavam no Ebep de Goiânia e Anápolis. O objetivo do curso, que teve duração de sete dias, foi promover a atualização da base metodológica, conhecimentos e habilidades dos professores, visando atender aos padrões de qualidade exigidos pela instituição.

Thiago Francesco salienta que os cursos de capacitação de docentes oferecidos pelo Sesi, além de servirem para alinhar a prática metodológica, possibilitam também formação diferenciada para o professor atuar no mercado de trabalho. “Foi muito proveitoso participar da últi-

ma capacitação. Além de interação maior com os colegas de trabalho, tive contato com profissionais muito experientes que contribuíram para ampliar meus conhecimentos sobre educação e me ajudaram a compreender minha responsabilidade como educador.”

## Soluções de vídeo monitoramento CMA Sua empresa ao alcance dos seus olhos.



A CMA oferece a mais avançada tecnologia em vídeo monitoramento para a sua empresa. Câmeras de segurança transmitindo via wireless, fibra óptica ou cabo, permitem monitoração através de uma central, com alta definição de imagens e gravação em tempo real.

**Tel: (11) 3053-2614**  
**[www.cmatelecom.com.br](http://www.cmatelecom.com.br)**  
**[telecom@cma.com.br](mailto:telecom@cma.com.br)**

**CMA Telecom**

# Todos contra a dengue

Sesi Goiás retoma ações de prevenção da doença e capacita trabalhadores da indústria para o combate ao *Aedes aegypti*

■ Isaura Carrijo

Em meio à explosão de casos de dengue verificada em Goiás em janeiro, o Sesi dá prosseguimento à campanha de prevenção e controle da doença no Estado. Em fevereiro, a instituição participou de reunião de mobilização contra a dengue, realizada pela prefeitura de Goiânia no Paço Municipal. Na ocasião, a equipe de saúde do Sesi Goiás distribuiu material educativo com orientações sobre prevenção e transmissão da doença.

No encontro, que reuniu agentes de saúde, representantes civis, além de líderes políticos e comunitários, o prefeito de Goiânia, Iris Rezende, enfatizou a necessidade de mobilização da sociedade. Ele lembrou que a temporada de chuvas tem sido um obstáculo às ações de combate promovidas pelo município. Apesar da dificuldade, salientou que só a integração do poder público com a ajuda da população e entidades civis poderá minimizar a proliferação do *Aedes aegypti*.

A retomada das atividades do Sesi Goiás em 2010 ocorre em momento de proliferação do número de incidências dos casos de dengue no Estado. Dados divulgados pela Secretaria de Saúde, no dia 30 de janeiro, contabilizaram 15.241 notificações da doença desde o início do ano, sendo mais da metade dos casos registrados na capital.

O levantamento da secretaria revela aumento de 502,4% em relação ao número de doentes no mesmo período do ano anterior, além da ocorrência de cinco óbitos até o momento. A ampliação registrada do número de doentes em Goiás reflete a dimensão



**Iris Rezende e seu vice, Paulo Garcia: equipe do Sesi Goiás distribui material educativo durante mobilização**

do problema e comprova também que a atuação isolada dos órgãos de governo é insuficiente para combater o *Aedes aegypti*.

Sabendo da importância de alertar a população para os perigos da doença e ciente de sua responsabilidade social, o Sesi promove, durante todo o ano, ações de prevenção e controle da dengue. Por meio da realização de palestras e distribuição de materiais informativos, o Sesi Goiás capacita trabalhadores da indústria a identificar e combater o *Aedes aegypti*, a fim de evitar os focos do mosquito por meio de cuidados simples e mudanças de hábito.

Coordenadora da campanha de prevenção e controle da dengue do Sesi Goiás, Luciana Motta explica que, nos últimos dois anos, a instituição levou palestras educati-

vas, com o tema da dengue, a cerca de 60 empresas em todo o Estado.

A Clarion Biociência, empresa goiana fabricante de medicamentos veterinários, foi uma das instituições que participaram das palestras sobre a dengue promovidas pelo Sesi em 2010. Na ocasião, os funcionários receberam informações sobre prevenção, além de folhetos explicativos. Márcia Mendes, coordenadora de produção da Clarion, considera que as ações educativas promovidas pelo Sesi trazem retorno positivo para a empresa, tendo em vista que colaboram para o envolvimento maior dos funcionários. Ela enfatiza a importância das palestras de prevenção. “É bom lembrar que dengue é coisa séria e pode até matar. Se o funcionário está saudável, também estará mais produtivo.”



**Performance do Fest Sesi de Dança: um dos eventos que vão ganhar espaço no Teatro do Sesi**

# O teatro do TRABALHADOR

Sesi constrói espaço cultural, anexo ao Clube Antônio Ferreira Pacheco, e democratiza acesso a eventos artísticos

■ Isaura Carrijo

Trabalhadores da indústria goiana e a comunidade deverão ganhar ainda este ano um novo espaço cultural, destinado a democratizar o acesso de parcela da população a eventos artísticos, carência apontada pelo Anuário de Estatísticas Culturais, divulgado em 2009 pelo Ministério da Cultura, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Trata-se do Teatro do Sesi, em construção no Sesi Clube Ferreira Pacheco, no Setor Santa Genoveva, em Goiânia. Iniciada em janeiro, a obra tem previsão de término para setembro de 2010.

O novo espaço nasce com o propósito de favorecer a classe trabalhadora, incentivando a produção artística, além de possibilitar a concentração das ações culturais atualmente promovidas pelas unidades que compõem o Sistema Fieg.

## Ranquing cultural

Coordenador das Atividades Fim do Sesi, Teco Faleiro lembra que a escassez de oportunidades e o alto custo são fatores que dificultam e afastam o público dos eventos artísticos realizados na capital.

A realidade é confirmada pelo Anuário de Estatísticas Culturais, do Ministério da Cultura/IBGE. O levantamento revela a evolução cultural em cada unidade da federação, ao longo de 2007 e 2008, e identifica ofertas e demandas nos Estados com maior e menor número de municípios que contam com salas de cinema, teatros, bibliotecas e museus.

De acordo com os dados, o Rio de Janeiro lidera o ranking com a maior quantidade de teatros por municípios. Goiás ocupa, atualmente, o 20º lugar. O levantamento mostrou ainda que apenas 11,79% dos municípios goianos possuem salas de teatro.

## PROGRAMAS E AÇÕES CULTURAIS

A construção do Teatro Sesi vai dar suporte à estratégia da entidade de dinamizar os projetos culturais executados em Goiás. Entre eles, merecem destaque o Fest Sesi de Dança, o Festival Violeiros e MPB e o Sesi Arte e Criatividade. Teco Faleiro lembra que há tempos todos esses eventos necessitavam de espaço próprio para viabilizar a exposição de trabalhos e promoção de artistas.

“A mostra Sesi de Dança, um dos maiores eventos de dança de Goiás, esteve paralisada em função da dificuldade de encontrarmos um teatro que pudesse ser usado por seis dias consecutivos. Agora com as condições estruturais adequadas, o Estado de Goiás terá, por meio do Sesi, um palco com gestão social voltada para o crescimento cultural de nossa sociedade”, afirma Faleiro.

## Teatro do Sesi em números

Área total: 2.668 m<sup>2</sup>

Plateia inferior: 445 lugares

Plateia superior: 159 lugares

Palco com 130 m<sup>2</sup>

Coxias com 90 m<sup>2</sup>

2 salas plenárias para recitais e palestras

1 galeria de arte

4 salas para workshop

2 camarins para aquecimento de dança

6 camarins individuais

1 camarim vip

1 piano meia calda

600 vagas para estacionamento

Projeto geral do arquiteto  
Ciro Lisita Arantes

# TOP ESTAGIÁRIO

## Chance ao talento

Estagiários colocam em prática ideias inovadoras em organizações que apostam na estratégia. Ao final, todos colhem bons resultados em diversas áreas

■ *Célia Oliveira*

As empresas abertas ao estágio não acolhem somente um estudante ansioso por conciliar teoria e prática ou por conhecer as rotinas de uma organização, de acordo com a formação escolhida. Mais do que isso, recebem e dão chances a promissores profissionais, que, ainda como estagiários, podem desenvolver ações e projetos de grande valia para gestão, serviços, produtos ou processos internos e externos da companhia.

Organizações com essa visão colhem bons resultados de estagiários que investem na carreira e aproveitam bem o tempo na escola e no ambiente de trabalho/aprendizagem prática. A estratégia, sustentada por organizações clientes do Programa de Estágio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), é exemplo de sucesso com seus estagiários, revelados como profissionais talentosos pela edição 2009 do prêmio IEL TOP Estagiário.

Celg, Sauad Indústria Farmacêutica e Mabel foram premiadas por acreditar, investir no estágio e incentivar os estudantes a implantar os projetos propostos. Com eles, as três empresas obtiveram resultados significativos nas áreas operacional, de qua-

lidade e na linha de produção. A estatal teve estruturado todo o sistema de telefonia. A indústria química obteve maior controle do Sistema de Garantia da Qualidade e a Mabel ganhou dinheiro com a redução do tempo de parada das máquinas.

A coordenadora de Recursos Humanos da Celg, Vânia Freitas, diz sempre incentivar os estagiários a participar do prêmio. “Considero importante essa primeira experiência ao jovem, vê-lo crescer e se posicionar na vida.”

Valdoílo Damasceno foi o grande vencedor do prêmio com o projeto SYS Telefonia - Software de Automação da Rede de Telefonia da Celg Distribuição S/A. “Enxerguei o TOP Estagiário como um desafio para desenvolver um trabalho, mostrar capacidade, alcançar resultados que gerassem melhoria para a empresa”, explica o estudante do Instituto Federal de Goiás (IFG).

O projeto gerou de imediato a redução em 50% do tempo de resolução das ordens de serviço na área. “Se tínhamos um profissional que antes não conseguia atender toda a demanda de reparos, hoje ele tem tempo de sobra até para ajudar em outras áreas, pelo fato da organização e redução do tempo de atendimento”, destaca Valdoílo.

**“A empresa que dá oportunidade ao estagiário dá oportunidade para um grande profissional.”**

AMANDA KARLA C. DA COSTA  
2º LUGAR/SAUAD IND. FARMACÊUTICA

**“O TOP não é só competição entre estagiários. É a maneira de mostrar que você faz a diferença.”**

VINÍCIUS RAFAEL C. FERNANDES  
3º LUGAR/MABEL

**“As empresas precisam ampliar a visão sobre o estágio, pois o estudante é quem vai, amanhã, atender às expectativas de mercado.”**

VALDOÍLO MARQUES DAMASCENO  
1º LUGAR/CELG



# Capacitação Empresarial

PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

## CURSO DE GESTÃO LABORATORIAL



**DATA:** Abril de 2010

**LOCAL:** SENAI/Fatesg - Rua 227-A, nº 95, St. Leste Universitário, Goiânia-GO

**INSCRIÇÕES:** [www.ielgo.com.br](http://www.ielgo.com.br)

**INFORMAÇÕES:** (62) 3219 - 1444 / 1448



# SINAL VERDE

Setor automotivo se organiza para captar recursos para desenvolvimento territorial e inovação tecnológica

Sob coordenação da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e execução do Senai Goiás, o Projeto BID/Sistema Indústria para o desenvolvimento territorial mobiliza o segmento automotivo, sobretudo os polos de Anápolis e Catalão. Com investimentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Confederação Nacional da Indústria (CNI), na ordem de US\$ 1,5 milhão, o setor espera novo impulso para sua cadeia produtiva.

As primeiras ações do projeto, que será executado em quatro anos, tiveram início em 2009, com a disseminação de objetivos e organização dos atores locais. Em 2010, segundo o coordenador de Projetos Especiais do Senai, Walmir Telles, as principais ações serão a realização de estudo prospectivo e abrangente da cadeia automotiva e o lançamento de edital para apresentação de projetos de inovações empresariais coletivas.

Para tanto, foi realizado, em Catalão e Anápolis, curso sobre elaboração de projetos de inovação, destinado a promover o desenvolvimento de competências e capacitar profissionais para participarem do edital para captação de recursos no âmbito do Projeto BID/Sistema Indústria.

O curso abordou conceitos de inovação, a relação entre gestão da inovação e captação de recursos, oportunidades de financiamentos nacionais e internacionais, monitoramento e análise de editais e os tópicos para formulação de projetos de inovação. O público-alvo foi constituído de consultores, pesquisadores, representantes das associações comerciais e industriais dos municípios, das prefeituras, das empresas-âncoras Caoa/Hyundai e Mitsubishi, além de instituições de ensino e pesquisa.





**Linha de montagem: recursos devem injetar novo impulso na cadeia automotiva**

## **CAPACITAÇÃO E INOVAÇÃO**

Em Anápolis, dentro da programação do curso, o diretor de Desenvolvimento de Produtos da Caa/Hyundai, José Rodrigues Seara, ministrou palestra sobre nacionalização dos produtos do grupo, processo iniciado por peças como bancos, vidros e outros, cujos fornecedores ainda são de fora da Região Centro-Oeste. Seara defendeu a necessidade de as empresas da região investirem em capacitação e inovação. “A palavra de ordem é inovação e tecnologia é custo, ou seja, os empresários têm de investir”, afirmou.

O presidente do Sindicato de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), José Francisco de Souza, disse que é essencial para o setor atender esse mercado, mas reclamou da falta de informações sobre as demandas das empresas-âncoras instaladas no Estado. “Precisamos saber quais são as demandas das empresas-âncoras, como Caa, em Anápolis, e Mitsubishi, em Catalão, para nos prepararmos para sermos seus fornecedores”, explicou. Para tanto, ambos concordaram em organizar um encontro entre os empresários da cadeia produtiva e engenheiros da montadora, para analisar o que é produzido pelos fornecedores locais e estabelecer o que é necessário para atender às demandas e exigências da indústria.

## **Um projeto de US\$ 6,5 milhões**

A CNI e o BID investirão US\$ 6,5 milhões em programas de desenvolvimento territorial a serem executados em Goiás e mais três Estados: Acre (madeira e móveis), Espírito Santo (rochas ornamentais), Pernambuco (complexo portuário de Suape). Em Goiás, o projeto tem como foco o setor automotivo com atuação nas cidades de Anápolis e Catalão, onde se encontram indústrias-âncoras como Caa-Hyundai, John Deere e Mitsubishi.

O projeto busca o incremento da competitividade das empresas direta ou indiretamente ligadas ao setor, estimulando o crescimento da economia regional. Os recursos serão aplicados em estudos e pesquisas visando à inovação tecnológica, buscando soluções de logística e a capacitação de mão-de-obra, de acordo com as necessidades apresentadas em cada município.



**Seara, diretor de Desenvolvimento de Produtos da Caa/Hyundai: “A palavra de ordem é inovação”**



**Comigo: cooperativa conquistou a certificação de seu sistema de gestão há pouco mais de cinco meses**

# Redistribuindo qualidade

Sistemas de gestão ajudam empresas a ter maior controle sobre processos e abrem portas nos mercados doméstico e internacional

Maior controle de processos e rotinas dentro da empresa, uso mais eficiente dos recursos disponíveis, com redução de desperdícios e perdas, organização e planejamento, foco no cliente e reconhecimento do mercado. As empresas que já escolheram esse caminho não economizam palavras quando se trata de avaliar as vantagens da implantação de sistemas de gestão de qualidade e sua certificação por organismos como o ICQ Brasil.

Sistemas lastreados na norma ISO 9001, voltada para a qualidade, agregam pelo menos dois conjuntos de vantagens para as empresas que os adotam, na visão do especialista Aldoney Freire Costa, chefe da Divisão de Acreditação de Organismo de Certificação (Dicor/CGCRE) do Instituto Nacional

de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro). “O sistema força a empresa a trabalhar para o cliente, a ouvi-lo no momento de fazer um produto, atendendo suas demandas e necessidades. O segundo ponto é que a empresa passa a ter a obrigação de avaliar seu processo de forma constante, em busca de melhorias contínuas que assegurem a eficiência, a eficácia e a efetividade do processo”, afirma.

A certificação e os organismos responsáveis por essa aferição ganham importância ao conferirem às empresas uma espécie de atestado de qualidade de processos. De acordo com Costa, há indícios de que a certificação tem facilitado a realização de vendas ao mercado externo. O Inmetro vem de-

envolvendo esforços para facilitar o acesso das empresas a organismos de certificação, buscando disseminar a implantação desses institutos em todo o País.

“Um dos custos mais elevados nos processos de certificação é o deslocamento de pessoal, já que as distâncias no País são grandes”, lembra Costa, acrescentando que 80% das certificadoras e das empresas certificadas ainda se concentram no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. “Devo frisar que o fato de existir um organismo certificador, com competência para certificar normas internacionais, mais próximo das empresas facilita seu acesso e estimula a certificação”, acrescenta o especialista, ao destacar o trabalho desenvolvido pelo ICQ Brasil na região Centro-Oeste.

## Padronização, controle e mais vendas

Responsável pela área de gestão da qualidade na Cosplastic, fabricante de embalagens plásticas flexíveis, Michelle Melo destaca que a adoção do sistema de gestão voltado para a qualidade total, com base na norma ISO 9001, permitiu maior controle e a padronização da qualidade dos produtos. Adicionalmente, acrescenta, “pudemos verificar o aumento do nível de excelência de nossos processos, maior confiabilidade por parte de nossos clientes”, prossegue Michelle. Na ponta final, o resultado foi maior “crescimento e desenvolvimento da empresa”, com incremento mensurável da carteira de clientes e a conquista de novos mercados.

Antes da implantação do sistema, recontra ela, “sempre tentávamos manter o controle e a padronização de nossos processos, porém antes era de forma menos disciplinada,

vamos dizer assim. Não tínhamos a total certeza se era mesmo a forma correta de fazer. Agora, com o sistema de gestão da qualidade implantado, temos um padrão a seguir e que está dando muito certo.” A certificação trouxe, ainda, maior visibilidade para a linha de produtos da Cosplastic e melhor aceitação da clientela, “sem falar no valor agregado que nossos produtos passaram a ter.”

A receita e os resultados parecem ter sido muito semelhantes no caso da DEC Brasil, segundo descreve Lidiane Queiroz, que responde pelas áreas de tecnologia da informação e de qualidade. Melhorias no planejamento e no controle de rotinas, com a padronização de processos, agregaram agilidade na realização dos trabalhos, permitindo ampliar a satisfação do cliente diante de um melhor controle da qualidade dos serviços e do tratamento de anomalias.



**Michelle Melo:**  
incremento  
do nível de  
excelência dos  
processos



**Lidiane  
Queiroz:**  
aumento  
significativo da  
rentabilidade

Certificada em outubro de 2008, quando explodiu a crise mundial, a DEC Brasil terá agora a oportunidade de aferir os resultados do trabalho desenvolvido no setor. “As metas estabelecidas para 2010 e os negócios já contratados permitem previsão de aumento significativo da rentabilidade para este ano”, adianta Lidiane.

## Expectativa de bons resultados

Na Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo), maior do Estado, a certificação do sistema de gestão de qualidade ocorreu há pouco mais de cinco meses, o que ainda não permite avaliação mais precisa de seus resultados financeiros. “Mas a expectativa é de que seja sempre o melhor possível, já que este fator passa a ser um diferencial entre os concorrentes ou um fator que nos coloca em igualdade de condições com outros que já possuíam o sistema implementado”, afirma Antônio Augusto Rodrigues Santos, administrador do Sistema de Gestão Integrada/Organização&Métodos.

Na sua avaliação, ao certificar seu sistema de gestão da qualidade, a cooperativa deverá ganhar maior visibilidade no mercado, surgindo a possibilidade de exportação para mercados exigentes ou fornecimento para clientes que queiram comprovar a ca-

pacidade que a organização tem de garantir a manutenção das características de seus produtos.” De acordo com Santos, a Comigo já havia implementado sistemas de Boas Práticas de Fabricação e de Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle. Mas a ISO 9001 “veio como um agente integrador de processos comuns entre os requisitos.” Antes disso, continua ele, “os processos eram controlados sem um sistema padronizado” e não abertos para a área de produção. “Hoje, com a integração dos sistemas as informações ficaram mais transparentes, proporcionando condições mais rápidas e consistentes de análise para tomada de decisão”, completa Santos.

A unidade de Furnas em Aparecida de Goiânia iniciou sua caminhada rumo à certificação de seus sistemas de qualidade ainda em 1991, conquistando a primeira certificação da ISO 9001 em 1996. O objetivo



**Ricardo Andrés  
Marques,**  
gerente da  
Divisão de  
Controle de  
Qualidade de  
Obras

inicial, detalha Ricardo Andrés Marques, gerente da Divisão de Controle de Qualidade de Obras, foi a busca de maior eficiência na aplicação de recursos, alinhado a uma maior confiabilidade dos serviços. Entretanto, na visão de Marques, o sistema de gestão tornou-se o grande instrumento para controle e padronização, conduzindo a empresa a um processo constante de aprimoramento dos serviços que presta ao mercado.



# UM SALTO DE 10 BILHÕES DE DÓLARES

Em apenas quatro safras, Goiás quase triplica produção de etanol e assume segunda colocação no ranking brasileiro



■ *Lauro Veiga Filho*

A indústria sucroalcooleira levou quase uma década para quase dobrar a produção de cana no Estado, de pouco mais de 5 milhões de toneladas na safra 1993/1994 para 9,78 milhões de toneladas no ciclo 2002/2003 – um avanço de 92,7%. Mas precisou de apenas quatro safras para fazer o volume de cana colhida em Goiás aumentar quase três vezes, saindo de menos de 15 milhões de toneladas em 2005/2006 para praticamente 40 milhões na safra encerrada em

março deste ano, num salto de 174%.

A produção de álcool cresceu em ritmo inferior numa primeira fase, ao passar de 310,7 milhões para 455,1 milhões de litros (46,5% a mais) entre 1993/1994 e 2002/2003. Mas entrou em disparada nas safras seguintes, acumulando variação de 60% até 2005/2006. Nas quatro safras seguintes, a indústria goiana triplicou sua produção, de 728,9 milhões de litros em 2005/2006 para 2,187 bilhões de litros em 2009/2010, colocando o Estado na posição de segundo maior produtor – mas ainda a uma distância

considerável de São Paulo, primeiro colocado, com mais de 14,3 bilhões de litros ou 55% da produção brasileira.

Em sete anos, investimentos estimados por baixo em US\$ 10 bilhões, segundo cálculo do presidente executivo do Sindicato das Indústrias de Fabricação de Álcool no Estado de Goiás (Sifaeg), André Luiz Baptista Rocha, ampliaram o parque instalado, atraindo duas dezenas de novas usinas. A estimativa considera a expansão das unidades já instaladas, inversões em cogeração e aquisições de máquinas agrícolas.

## Mais 21 usinas

“Em 1999, tínhamos apenas 12 usinas em operação. Já em 2005, 14 usinas estavam funcionando e outras 14 se encontravam em fase de implantação. No ano passado, 33 unidades moeram cana”, reconta Baptista. Neste ano, mais duas devem iniciar a produção e pelos menos outras duas acionam suas caldeiras em 2011, afirma.

Terras mais baratas, quando comparados aos preços praticados em outras regiões agrícolas do País, solos propícios ao cultivo da cana e incentivos fiscais, analisa o presidente do Sifaeg, contribuíram para atrair investidores do Sudeste e do Nordeste. Na primeira década do novo século, enquanto a produção de cana cresceu 129% em todo o País, conforme dados do Sifaeg e da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), em Goiás a colheita aumentou cinco vezes e meia, elevando a participação do Estado na produção brasileira de 2,8% na safra 2000/2001 para praticamente 7% em 2009/2010.

A tendência repete-se para o etanol, mas em velocidade ainda mais acelerada. A produção brasileira saltou de 10,6 bilhões de litros na primeira safra do século 21 para algo entre 25 bilhões e 26 bilhões na safra passada, num incremento em torno de 140%. Mais uma vez, em Goiás, o volume de etanol destilado pelas usinas avançou de 318,43 milhões para 2,19 bilhões de litros. Isso correspondeu a uma elevação de nada menos do que 587%. Assim, o Estado passou a responder por quase 9% da produção nacional, três vezes mais do que em 2000/2001, quando a fatia goiana havia sido de apenas 3%.

Detalhe: na safra 2009/2010, a produção total de etanol no País caiu frente aos 27,5 bilhões de litros produzidos no ciclo anterior, mas cresceu 26,7% em Goiás, partindo de 1,73 bilhão de litros em 2008/2009. “Éramos apenas o quinto maior produtor até 2006”, relembra o presidente do Sifaeg.



**A plena carga: depois de Goiás ganhar 21 novas usinas, pelo menos mais 4 devem iniciar operação até 2012 no Estado**

No caso da cana, retoma Rocha, as usinas que operam no Estado responderam, sozinhas, por quase metade de todo o crescimento registrado pela produção do País, que colheu 20 milhões de toneladas a mais na safra 2009/2010 – das quais, 10 milhões saíram de Goiás.

**André Rocha: o Estado saiu do quinto lugar para se tornar o segundo maior produtor no País**



## A falsa polêmica

O avanço dos canaviais no Estado na última década não afetou a produção de alimentos, que se manteve em crescimento, embora sofrendo altos e baixos, ao sabor das flutuações da conjuntura econômica doméstica e internacional. Embora a série estatística não seja tão precisa no caso da cana, estima-se que a área destinada ao cultivo da gramínea tenha crescido de algo ligeiramente acima de 90 mil para cerca de 520 mil hectares, conforme dado mais recente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Isso significa que 430 mil hectares foram integrados à produção. O crescimento da área de grãos, em números absolutos, foi quase duas vezes maior, passando de 2,94 milhões para 3,78 milhões de hectares no mesmo período, num acréscimo de 836,9 mil hectares. Com avanço de 9% na produtividade, a produção de grãos aumentou 40%, de 9,13 milhões para 12,75 milhões de toneladas.

## Aposta renovada

No início de fevereiro, até a toda poderosa Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, na sigla em inglês) dobrou-se às vantagens do etanol da cana-de-açúcar ao considerar o combustível renovável, de baixo carbono e com potencial para contribuir para a redução de emissões de gases formadores do chamado efeito estufa, causadores do aquecimento global.

Mais ainda. A EPA classificou o etanol da cana como um biocombustível avançado, o que o qualifica para abastecer a frota de veículos norte-americanos. Para ser considerado como “avançado” pela agência, qualquer biocombustível deverá produzir redução de emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) de pelo menos 40% em relação à gasolina, de acordo com o Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône). No caso do etanol, os novos estudos realizados pela EPA, com a colaboração do Icone e da Unica, concluíram que essa redução chega a 61%. A contribuição do álcool produzido a partir do milho, principal matéria-prima adotada pelos EUA, limitasse a 31% na mesma comparação.

Em trabalho anterior, ao considerar os efeitos diretos e indiretos de mudanças no uso do solo causadas pelo avanço da cana, a EPA havia estimado corte de apenas 26% nas emissões de CO<sub>2</sub> geradas pela utilização do etanol, em todo seu ciclo de produção, em comparação à gasolina. Com ajuda do Icone, em parceria com o Food and Agricultural Policy Research Institute (CARD/FAPRI, Universidade de Iowa), e com o trabalho desenvolvido pela Unica diretamente nos EUA, a EPA revisou a contabilidade ambiental do etanol de cana.

O Icone desenvolveu um modelo, mais adequado às condições do campo brasileiro, para estimar o impacto das mudanças do uso do solo, criando o Brazilian Land Use Model (Blum). Constatou-se que, no caso brasileiro, o avanço da cana causa um efeito

## PRODUÇÃO CRESCER AOS SALTOS

(Desempenho da indústria canavieira em Goiás na última década)

Ano-safra	Cana (em mil toneladas)	Álcool (em milhões de litros)	Açúcar (em mil toneladas)
2000/2001	7.161	318,43	397,32
2001/2002	8.804	382,79	505,53
2002/2003	9.784	455,09	576,99
2003/2004	13.041	646,34	668,19
2004/2005	14.006	717,30	729,76
2005/2006	14.559	728,87	749,84
2006/2007	16.140	821,56	765,89
2007/2008	20.802	1.192,63	950,60
2008/2009	29.487	1.725,87	958,42
2009/2010	39.898	2.186,73	1.382,88

Fonte: Sifaeg

indireto apenas marginal. O modelo brasileiro terminou sendo utilizado pela própria EPA ao reformular suas estimativas.

“Quando o assunto foi exposto à consulta pública, no segundo semestre de 2009, o Icone apresentou importantes contribuições regionais que mostravam que a análise sugerida pela EPA não era adequada para captar a dinâmica da agricultura brasileira”, afirma André Nassar, diretor geral do Icone, em material elaborado e distribuído pela assessoria de imprensa do instituto.

Nas contas do Icone, a decisão pode abrir um mercado de 15 bilhões a 40 bilhões de litros para o Brasil até 2022, quando os EUA deverão estar consumindo 136 bilhões de litros de biocombustíveis, conforme marco estabelecido pelo Renewable Fuel Standard (RFS 2), dos quais no máximo 60 bilhões de litros deverão ser atendidos pela produção interna de etanol de milho. Portanto, acrescenta a Unica, perto de 76 bilhões de litros deverão ser supridos por outras fontes de combustíveis considerados avançados pela EPA (ou seja, que representem redução de 40% nas emissões comparativamente à gasolina), o que inclui o álcool produzido a partir de celulose, biodiesel, o etanol brasileiro e outras fontes.

## A economia “verde”

Para se ter uma dimensão mais precisa do programa norte-americano, de acordo com a EPA, a meta de consumo de biocombustíveis fixada para 2022 representará 7% do consumo anual esperado para gasolina e diesel, correspondendo a um corte de US\$ 41,5 bilhões nas importações de petróleo e a um benefício adicional de US\$ 2,6 bilhões em termos de segurança energética. O uso crescente de combustíveis renováveis faria decrescer os custos da gasolina e do diesel para os americanos, reduzindo as emissões de gases do efeito estufa em 138 milhões de toneladas, equivalente a uma redução de 27 milhões de veículos na frota daquele país.

As projeções da agência sugerem que o custo da alimentação sofreria um incremento de US\$ 10 por pessoa em 2022. Como compensação parcial, a receita líquida das fazendas norte-americanas tenderia a crescer mais de 36%, num acréscimo de US\$ 13 bilhões. Mas as exportações de milho e soja cairiam, pela ordem, 8% e 14% – o que abriria novos espaços para a produção brasileira.

## Novo ciclo?

Se a projeção se confirmar, obviamente haverá impactos favoráveis também para a indústria goiana. “O mundo cada vez mais vai dar valor ao etanol de cana, valorizando energias limpas e renováveis”, comenta André Rocha, presidente do Sifaeg. O anúncio da EPA e a melhoria nas condições de mercado, com a escalada dos preços do açúcar, recuperação para as cotações do álcool, retorno do crédito e redução gradativa do endividamento das usinas, parecem antecipar um novo ciclo de investimentos no setor. Desta vez, no entanto, com a moderação e os cuidados que faltaram no boom registrado entre 2003 e 2007.

Rocha acredita que será preciso dobrar a produção brasileira para atender à demanda norte-americana e sustenta que a entrada no jogo de multinacionais pesadas, incluindo mastodontes petrolíferos como Shell (em associação à Cosan) e British Petroleum (BP), além dos grupos Toyota, Mitsubishi, Dreyfus (que comprou a Vale Santelisa), Cargill e ADM, associada ao Grupo Cabrera, deve criar novas possibilidades para o setor alcooleiro – embora os riscos à segurança energética do País não possam ser desprezados, neste caso.

O reconhecimento da EPA ainda não correspondeu a mudanças de fundo nas negociações para revisar as barreiras impostas pelos EUA ao etanol brasileiro, que paga 15 centavos de dólar por litro para entrar no mercado norte-americano. A cobrança da sobretaxa expira no final deste ano e o presidente do Sifaeg defende uma ofensiva brasileira, reunindo indústrias e governo, para evitar que ela seja renovada.



## Jalles Machado bate todos recordes

Há praticamente 27 anos no mercado, a usina Jalles Machado, instalada em Goianésia, bateu todos os recordes na safra 2009/2010. Apenas entre abril e novembro do ano passado, a empresa moeu um volume histórico de 2,6 milhões de toneladas de cana, respondendo por 6,5% da produção estadual. Na comparação com a safra 2008/2009, quando foram moídas 2,4 milhões de toneladas, registrou-se crescimento ligeiramente superior a 8%. Respondendo à conjuntura internacional, mais favorável ao açúcar, a Jalles ampliou a produção em 9,4% na última safra, processando 3,470 milhões de sacas de açúcar, frente a 3,171 milhões em 2008/2009.

A produção de álcool continuou crescendo, mas numa velocidade relativamente mais baixa, ao passar de 80 milhões para 84 milhões de litros, num avanço de 5%. Nos primeiros nove meses da safra passada, dado mais recente divulgado pela usina, a

### DEMANDA MUNDIAL DE ETANOL

(Projeções para o consumo potencial para álcool combustível, em bilhões de litros)

Países/Regiões	2008	2015
Brasil	20,0	38,0
Estados Unidos	34,0	77,9
União Europeia	3,7	12,0
Japão	-	1,8
China	1,9	4,2
Índia	0,3	1,7
Tailândia	0,4	1,1
Mundo	65,7	148,6

Fonte: International Sugar Organization (ISO)

geração de energia a partir da queima do bagaço atingiu 128 mil megawatts/hora (MWh), com previsão de 130 mil MWh

**Usina em Goianésia: novo complexo, em fase de construção, deve dobrar tamanho do grupo Jalles Machado**



durante a safra 2010/2011.

A instalação de uma fábrica para secagem e empacotamento de levedura, insumo destinado à alimentação animal, permitiu multiplicar em quase seis vezes a produção, de 268 para 1,6 mil toneladas do produto. A unidade iniciou sua operação em maio de 2009, prevendo-se a entrega ao mercado de mais 2 mil toneladas na safra 2010/2011 – o que corresponderia a um incremento de mais 25%.

Sempre de acordo com a assessoria da empresa, a Jalles Machado estabeleceu como meta para a safra que começa em abril a moagem de 2,8 milhões de toneladas de cana, o que estabeleceria novo recorde, com crescimento de 8% frente à safra anterior. A programação estabelecida pela direção do grupo contempla maior participação do etanol na produção, projetando avanço de 19% em relação à safra 2009/2010, para um total de 100 milhões de litros, já refletindo o início da operação da nova unidade em construção. Para o açúcar, estima-se in-

cremento de 15%, para 4 milhões de sacas.

O novo complexo industrial do grupo, em fase de implantação também na região de Goianésia, incluindo a Usina Otávio Lage e a Codora Energia, num investimento inicialmente estimado em R\$ 330 milhões, deverá entrar em operação em 2011, quando prevê processar 1 milhão de toneladas de cana, produzindo 85 milhões de litros de etanol. Isso significará quase duas vezes o volume produzido pelo grupo na safra passada. As previsões para 2012 indicam a moagem de 1,4 milhão de toneladas de cana e produção de 120 milhões de litros

de álcool. A exportação de energia, prevista em 70 mil MWh no primeiro ano de operação, deverá atingir 100 mil MWh em 2012.

A disposição para investir não se esgota aqui e já há planos para ampliação da capacidade da nova unidade para 2,5 milhões de toneladas de cana em 2014/2015. A expansão planejada atenderá exclusivamente ao mercado de açúcar, ao contrário da primeira etapa, estimando-se a produção de 2,5 milhões de sacas (o dobro da capacidade atual do grupo). A exportação de energia, fonte alternativa de receitas para a empresa, deverá crescer para 160 mil MWh por safra.

## Mais espaço para canaviais

Concluído no ano passado pelo governo, o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar demonstra que há espaço de sobra para o crescimento dos canaviais, sem que isso ameace a produção de alimentos e o meio ambiente. O levantamento aponta a possibilidade de uso de 63,45 milhões de hectares para o cultivo de cana, mais de oito vezes o terreno ocupado na safra 2009/2010 (em torno de 7,53 milhões de hectares). Cerca de 20% dos solos propícios ao plantio da cana se encontram em Goiás, num total de 12,56 milhões de hectares, o maior entre todos os Estados e 24 vezes o

espaço ocupado pela cultura atualmente.

São Paulo disporia de mais 10,62 milhões de hectares, o que sugere um espaço proporcionalmente maior para crescimento da indústria canavieira em Goiás. O mapeamento excluiu terras com declividade superior a 12%, já que a intenção é mecanizar a colheita e evitar queimadas, reduzindo emissões de gases do efeito estufa. Ficaram fora do zoneamento, ainda, os biomas da Amazônia, do Pantanal e da Bacia do Alto Paraguai, áreas de proteção, terras indígenas, remanescentes de florestas, dunas, mangues, áreas urbanas e de reflorestamento.

### GANHOS DE ESCALA

*(Distribuição de 33 usinas de açúcar e álcool clientes do ItaúBBA, por capacidade de moagem, em milhões de toneladas)*

Distribuição dos grupos por faixa de moagem	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10*
Menos de 3	37%	33%	20%	21%	15%
3 a 6	43%	30%	43%	27%	30%
6 a 9	10%	23%	13%	18%	15%
9 a 12	3%	7%	10%	12%	15%
Mais de 12	7%	7%	13%	21%	24%

(\*) Previsão

Fonte: ItaúBBA

## Endividamento e concentração

O primeiro boom experimentado pelo setor entre 2003 e 2007, movido a preços elevados para o etanol, crédito abundante e previsões para lá de otimistas em relação às perspectivas de formação de um mercado global para o álcool, recebeu uma caldeira de água fria por conta da queda nos preços e do achatamento de margens do setor, penalizado pelo dólar fraco. A combinação desses fatores, mais a frustração em relação às exportações, levaram a um endividamento crescente das usinas já a partir de 2007. No ano seguinte, a crise mundial e o travamento do crédito desencorajaram investidores e detonaram uma onda de consolidação ainda em curso neste momento.

O endividamento explodiu a partir da safra 2007/2008, quando a dívida líquida somou R\$ 28 bilhões, segundo o diretor do Banco ItaúBBA, Alexandre Figliolino, num salto superior a 150% em relação ao ano agrícola anterior – quando as indústrias de açúcar e álcool deviam R\$ 11 bilhões, ou apenas R\$ 31 para cada tonelada de cana esmagada. A dívida subiu para R\$ 42 bilhões no ciclo 2008/2009, acumulando um avanço de 282% em duas safras, e passou a representar R\$ 84 por tonelada de cana moída, muito além dos limites de prudência considerados pelos bancos em sua avaliação de riscos. O cenário econômico já havia sofrido radical alteração e o crédito anêmico contribuiu para acelerar os processos de reestruturação e consolidação dali para frente.

O ajuste imposto pelo mercado fez a dívida líquida total recuar ligeiramente para R\$ 40 bilhões (R\$ 75 por tonelada) na safra 2009/2010, conforme previsão de Figliolino, que projeta nova queda no ciclo 2010/2011, para R\$ 35 bilhões (ou R\$ 64 por tonelada, ainda um pouco acima do limite considerado saudável, em torno de R\$ 50).

### PRIMEIROS PASSOS

(Processo de ajuste de passivos no setor de açúcar e álcool apenas começou)

Ano-safra	Dívida líquida (em R\$ bilhões)	Moagem (em milhões de toneladas)	Dívida líquida/moagem (em R\$ por tonelada)
2006/2007	11,0	338,0	31
2007/2008	28,0	431,0	65
2008/2009	42,0	505,0	84
2009/2010*	40,0	530,0	75
2010/2011*	35,0	560,0	64

(\*) Previsão

Fonte: ItaúBBA

## Logística “come” 25% da receita

O gargalo da logística continua comprometendo a competitividade do etanol brasileiro no mercado internacional, onde o produto tem sido alvo de barreiras comerciais e não tarifárias, afirma Martinho Seiiti Ono, da SCA Etanol do Brasil, corretora com dez anos de atuação no mercado físico de etanol.

Nas contas da SCA, o custo total de logística absorve até 25% do preço de venda do produto. “A precariedade de nossa logística, com predominância do modal rodoviário, encarece custos de produção e reduz as margens para o produtor. Apenas o frete responde por 15% a 20% do preço do etanol”, reforça Ono.

Para ajudar a desatar esse nó, o presidente do Sifaeg, André Baptista Rocha,

defende o uso de recursos da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) incidente sobre combustíveis, que gerou uma arrecadação de R\$ 54,731 bilhões entre 2002, quando foi criada, e setembro deste ano. “Esses recursos poderiam ser investidos também em ferrovias e dutos”, afirma Rocha

Ele identifica as deficiências de logística, principalmente de distribuição e transporte, como um dos grandes gargalos para o desenvolvimento do setor no Estado, ao penalizar a competitividade das usinas. Os projetos de implantação de alcooldutos, alimentados pela PMCC (Petrobrás, Mitsui e Camargo Correa) e pela ETH Bioenergia, nova dona da Brenco, continuam distantes de Goiás.

A relativa melhoria é anotada também pelo diretor do Banco Santander, André Berenger. O endividamento de curto prazo das usinas, que chegou a representar 46% da dívida total do setor, encolheu mais recentemente para 29%. Isso não significa, ressaltam Figliolino e Berenger, que o rearranjo de passivos já tenha se completado, o que

pressupõe novos lances nesse mercado.

A consolidação tem se dado pelo caminho das fusões e aquisições, como demonstra o exemplo recente da Santelisa Vale, segundo maior grupo do setor, absorvida pelo francês Louis Dreyfus, mas também por meio da venda de participação para sócios estratégicos, em geral de capital estrangeiro.

A associação entre a Cosan e a Shell segue mais ou menos na mesma direção, embora o negócio deva permitir maior penetração do grupo brasileiro, maior processador de cana do mundo, no mercado global. Nos próximos três a cinco anos, projeta Plínio Nastari, consultor da Datagro, a participação de estrangeiros no total da cana moída no País deverá avançar de 16,5% na safra 2009/2010 para 25% ou mais, indicando um processo de desnacionalização de um setor estratégico para a autonomia do País no setor energético.

Mas há transações também no sentido inverso, caso do acerto entre ETH Bioenergia, empresa sob controle da Oderbrecht, e a Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco), controlada por grupos de investidores brasileiros e estrangeiros, em sua maioria fundos de investimento, com participação da BNDESPar, empresa de participações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A ETH Bioenergia, já com os ativos da Brenco em seu portfólio, agora quer a liderança no mercado brasileiro de etanol, projetando produção de 3 bilhões de litros em 2012.

A concentração no setor vai igualmente avançar, fazendo crescer o abismo entre os grandes grupos do setor e as pequenas e médias usinas. Na safra 2009/2010, afirma o consultor da Datagro, os 25 maiores grupos assumiram participação de 49,1% no total de cana processada, enquanto as 10 maiores responderam por 30,3%. Até 2014/2015, esses 10 maiores deverão deter perto de 45% da moagem em todo o País.

**Haywood, da LS9 Inc.: diesel renovável, mais barato do que o derivado do petróleo**



## A RECUPERAÇÃO, AINDA EM CURSO

(Indicadores de rentabilidade de 33 usinas de açúcar e álcool)

Ano-safra	Rentabilidade do patrimônio	Rentabilidade do ativo	Margem Ebitda**	Margem líquida
2005/2006	15,2%	6,2%	24,9%	10,4%
2006/2007	18,0%	7,1%	30,2%	13,2%
2007/2008	-5,1%	-0,4%	17,5%	-0,4%
2008/2009	-56,0%	-6,2%	21,9%	-18,8%
2009/2010*	15,1%	4,2%	30,8%	7,2%
2010/2011*	17,2%	5,1%	31,4%	8,1%

(\*) Previsão (\*\*) Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortizações

Fonte: ItaúBBA

## Novas fronteiras tecnológicas

Pelos menos dois projetos já em andamento deverão promover a estreia de Goiás na mais nova fronteira tecnológica nas áreas de bioenergia e alcoolquímica. Pelas mãos do grupo Jalles Machado, numa parceria com a LS9 Inc, empresa californiana dedicada a soluções de energia renovável e biotecnologia, o Estado deverá iniciar a produção do chamado “diesel verde”, ainda em escala experimental, num primeiro momento.

Uma cláusula de confidencialidade no contrato firmado entre as duas partes impede a Jalles Machado de informar detalhes do acerto. Mas Bill Haywood, principal executivo da LS9, antecipa que a tecnologia desenvolvida permite a produção de biocombustíveis a partir de quaisquer insumos renováveis. O processo utiliza enzimas especialmente desenvolvidas pela LS9, com uso de ferramentas da biotecnologia, para a fermentação de açúcares e em sua transformação em substitutos renováveis para o petróleo e seus derivados.

A tecnologia deverá se tornar comercial em dois anos, estima Haywood. Se confirmada a parceria, o que está previsto para o segundo semestre deste ano, o diesel produzido a partir do melão



**Amyris do Brasil: parceria com o grupo São Martinho para a produção de especiarias químicas**

poderá abastecer a frota da Jalles Machado, que consome 10 milhões de litros por ano, em média.

Em Quirinópolis, a Usina Boa Vista, do grupo São Martinho, vai produzir especialidades químicas também a partir do caldo de cana. O projeto é resultado da joint venture firmada pelo grupo com a norte-americana Amyris Biotechnologies, por meio de sua subsidiária Amyris do Brasil. Serão investidos US\$ 50 milhões na instalação de uma nova linha na área da usina, que terá sua capacidade final ampliada de 2,25 milhões para 3,40 milhões de toneladas de cana.



**Indústria de produtos alimentícios: previsões otimistas para este ano**



## BONS VENTOS À FRENTE

Criação de empregos abre o ano a todo vapor, com tendência de recuperação também para os investimentos

■ *Lauro Veiga Filho*

Os primeiros números dando conta do desempenho da indústria goiana em 2010 sugerem uma recuperação robusta em relação ao ano passado, com uma possível retomada do ciclo virtuoso duramente interrompido pela crise que abateu a economia mundial no final de 2008 e ainda continua fazendo estragos principalmente no mundo desenvolvido. Superando previsões, o mercado formal de trabalho deu mostra de vigor inusitado no primeiro mês do ano, pratica-

mente redimindo-se do tropeço registrado nos dois meses finais de 2009.

Antes disso, num indicador mais consistente, a liberação de recursos para financiar a compra de máquinas e equipamentos destinados a suportar a readequação e mesmo a ampliação do parque industrial no Estado encerrou 2009 em crescimento acelerado, sugerindo números igualmente favoráveis para os primeiros meses deste ano. Analisadas em conjunto, ambas estatísticas parecem dar mais consistência aos prognósticos iniciais da Federação das Indústrias do Es-

tado de Goiás (Fieg), que vinha trabalhando com uma previsão de crescimento entre 4% e 5% para a atividade industrial.

O presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, acredita em crescimento um pouco superior às taxas inicialmente projetadas. Isso será possível, diz ele, graças às “características da indústria em Goiás, focada em bens de consumo imediato, como alimentos e remédios, e bens intermediários, como produtos minerais.” O fato de o emprego e a renda, menos afetados pela crise no Brasil, voltarem a crescer em ritmo forte



**Construção civil: setor deverá liderar criação de empregos em 2010**

neste momento parece dar sustentação à expectativa da Fieg.

A tendência esperada para a atividade industrial neste ano, avalia Paulo Afonso, estará diretamente relacionada com o maior dinamismo da construção civil, diante dos projetos já contratados ou anunciados para o setor. A indústria receberá ainda a influência positiva dos setores de produção de etanol, de alimentos, incluindo-se o açúcar, que continua com preços elevados no mercado internacional, de produtos farmacêuticos e da mineração.



**Açúcar e álcool: indústria tende a manter dinamismo, puxando crescimento**

## Indústria recebe três vezes mais recursos

A reversão surge claramente nos dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os desembolsos da instituição para Goiás haviam acumulado queda de 2% nos nove primeiros meses do ano passado, na contramão da tendência observada para o restante do País. Mas fecharam o exercício com avanço de 7,8% graças ao salto observado entre outubro e dezembro. No trimestre final de 2009, uma reviravolta ajudou a alinhar o Estado à tendência predominante no restante do País e os desembolsos entraram em disparada – ainda que esse número possa refletir decisões de investimento tomadas lá atrás, quando o cenário de crise ainda não havia se instalado no Brasil. Entre outubro e dezembro, os recursos liberados pelo BNDES para empresas goianas saltaram para R\$ 1,727 bilhão, frente a R\$ 1,280 bilhão em igual período de 2008, num incremento de 35%. Esse valor representou mais de um terço de todos os desembolsos realizados durante os 12 meses do ano passado. Durante os três últimos meses de 2008, a participação havia sido ligeiramente inferior a 27%.

O salto foi comandado pela indústria, que registrou desembolsos três vezes maiores, saindo de R\$ 343,18 milhões no trimestre final de 2008 para R\$ 1,087 bilhão em idêntico período do ano passado. Mais precisamente, um aumento de 217%. O ritmo de crescimento dos recursos do banco para o setor industrial, que chegou a apresentar variação de 12% no acumulado até setembro, acelerou-se para 47% nos 12 meses encerrados em dezembro passado. Sozinha, a indústria abocanhou 58% dos recursos aplicados pelo BNDES



**Medicamentos: vendas cresceram 24,7% no ano passado**

## Infraestrutura, a decepção

Em termos relativos, o segundo melhor desempenho coube ao setor de comércio e serviços, com aumento de 147% no quarto trimestre e de 37% no acumulado de 2009. Os desembolsos, neste caso, ficaram limitados a R\$ 231,22 milhões, frente a R\$ 169,29 milhões em 2008. Os resultados mais débeis vieram exatamente de um setor que tem operado como um dos principais gargalos ao desenvolvimento econômico em Goiás. Os desembolsos para projetos de infraestrutura desabaram 49% no trimestre final de 2009, encerrando o ano com tombo de 30% em relação a 2008 ao encolherem de quase R\$ 2,340 bilhões para R\$ 1,632 bilhão.

no Estado, num total de R\$ 2,971 bilhões, frente a R\$ 2,019 bilhões em 2008, correspondentes a 42,4% do total.

O total de operações realizadas pelo BNDES apresentou crescimento muitas vezes mais acelerado, pressupondo uma redução no valor médio dos empréstimos. Esse número quase dobrou, pulando de 6.823 para 13.104 operações (mais 92%), das quais 65,8% (8.619) beneficiaram microempresas. Neste caso, o avanço foi de 149% na mesma comparação. A grande empresa, que fechou 367 contratos a menos do que em 2008, num recuo de 31%, ampliou para 81% sua fatia no total de recursos liberados.

Na visão do economista da Fieg Cláudio Henrique de Oliveira, essa aparente redução no valor médio dos empréstimos contratados ao BNDES “reflete a necessidade de crédito do setor produtivo a fim de mitigar os efeitos da retração da demanda, porém demonstra, ainda, o arrojo da classe produtiva ao buscar reduzir custos e melhorar a qualidade de seus produtos, tornando-se mais competitiva.”

# Empregos como nunca antes...

No melhor resultado em toda a série histórica de dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), iniciada em 1992, a geração líquida de empregos formais em janeiro deste ano atingiu o número recorde de 181.419 contratações. O resultado é a diferença entre 1,410 milhão de vagas abertas no mês, quase 16% a mais do que em janeiro de 2009, durante a crise, e 1,229 milhão de demissões realizadas no primeiro mês deste ano. O total de desligamentos foi praticamente 7% menor do que em janeiro do ano passado.

De fato, a base de comparação foi afetada negativamente pela crise e a economia havia fechado 415 mil ocupações em dezembro, mas o vigor demonstrado pelo mercado formal de trabalho não pode ser desprezado. Apenas a indústria registrou saldo líquido de contratações de quase 70 mil vagas. Em apenas um mês, o estoque de empregados com carteira assinada avançou 0,55% e já acumula crescimento de 4,01% em 12 meses diante de uma variação de 3,11% nos 12 meses encerrados em dezembro último.

O aumento das contratações, especialmente na indústria, parece traduzir o ânimo renovado das empresas em relação às perspectivas futuras desenhadas para a economia, sustentado pelas previsões de crescimento continuado da renda e da demanda domésticas – o que deverá continuar beneficiando a economia goiana diretamente.

Em Goiás, também na comparação entre janeiro deste ano e o mesmo mês de 2009, o total de admissões avançou 11,8%, para 47.105, com queda de 8,4% no número de funcionários desligados (para um total de 36.929). A diferença foi

## DESEMBOLSOS DO BNDES EM GOIÁS POR SETOR

(Valores em R\$ mil)

Setores	2008	2009	Variação(%)
Agropecuária	231.365	297.925	+29
Indústria	2.019.478	2.971.082	+47
Infraestrutura	2.339.730	1.631.956	-30
Comércio/serviços	169.289	231.223	+37
Total	4.759.862	5.132.186	+8



Fonte: BNDES

## MAIS EMPREGOS

(Saldo entre admissões e desligamentos no mercado formal de trabalho)

Período	Saldo
Jan/2009	1.835
Fev	8.058
Mar	7.914
Abr	14.662
Mai	5.103
Jun	7.348
Jul	4.507
Ago	6.554
Set	5.250
Out	2.672
Nov	(2.045)
Dez	(27.454)
Jan/2010	10.176

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego / Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

uma contratação líquida de 10.176 trabalhadores, frente a apenas 1.835 em janeiro do ano passado. Somente em janeiro, portanto, o estoque de empregos formais aumentou 1,11% em Goiás, acumulando salto de 4,96% em 12 meses – praticamente um ponto porcentual a mais do que a taxa de crescimento acumulada entre janeiro e dezembro do ano passado.

Mais uma vez, a indústria desempenhou papel de destaque no crescimento do emprego formal em Goiás, com a abertura líquida de 4.130 postos de trabalho em janeiro deste ano, diante de 548 vagas no primeiro mês do ano passado. Destaque para o total bruto de contratações, que avançou 30%, favorecendo 10.772 trabalhadores. As demissões, de seu turno, encolheram 14%, para 6.642. O estoque de empregos na indústria de transformação, que havia acumulado variação de 2,76% em 2009, passou a registrar crescimento de 4,62% nos 12 meses terminados em janeiro deste ano.

## DESEMPENHO DA INDÚSTRIA GOIANA EM 2009

(Variação em %)

Setores	Vendas		Salário		Emprego		Horas		UCI	
	dez/09	jan-dez/09	dez/09	jan-dez/09	dez/09	jan-dez/09	dez/09	jan-dez/09	dez/09	jan-dez/09
	nov/09	jan-dez/08	nov/09	jan-dez/08	nov/09	jan-dez/08	nov/09	jan-dez/08	nov/09	jan-dez/08
Indústria Geral	0,41	2,17	9,44	0,93	-2,87	-2,62	-3,37	-6,04	-4,47	-3,29
Indústrias Extrativas	-7,85	-27,51	23,38	-2,62	-0,92	-6,61	-5,47	-12,39	1,58	-1,54
Indústrias de Transformação	0,61	3,22	8,58	1,21	-2,92	-2,51	-3,31	-5,83	-4,66	-3,35
Alimentos e bebidas	4,50	-0,78	8,77	5,23	-4,37	2,91	-0,21	1,84	-9,07	-2,05
Conf. art. Vest. e acessórios	-83,89	-8,49	23,74	-23,58	-9,04	-29,33	-25,96	-23,45	3,47	-16,23
Coque, refino comb. nuclear, álcool	-3,84	27,54	24,97	-13,13	1,37	-8,61	3,63	-1,57	-15,02	3,01
Produtos químicos	0,72	24,71	1,63	0,09	1,53	-2,20	-1,38	-16,59	-0,02	3,06
Prod. Minerais não-metálicos	-9,93	-1,33	2,47	7,95	-0,22	1,07	3,58	-12,32	-2,70	-1,18
Metalurgia básica	0,47	-4,43	48,53	6,87	0,05	8,34	-5,44	2,04	-1,88	-1,61
Prod. metálicos	54,89	-3,23	-5,32	3,04	0,75	2,53	-8,98	-6,93	-0,01	2,18
Móveis, indústrias diversas	-13,01	69,97	-6,14	-17,73	-0,96	-15,29	-3,00	-17,49	0,00	-1,36

Fonte: FIEG/IEL

## Produção estagnada, vendas em elevação

A mesma coleção de fatores que poderá assegurar à indústria goiana um crescimento mais substantivo neste ano ajudou a segurar a produção industrial em 2009. A pesquisa industrial mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta o Estado como o único a não experimentar retração da atividade industrial no ano passado, diante de uma queda média de 7,4% para a indústria em todo o País.

Na verdade, a produção física do setor manteve-se virtualmente estagnada em Goiás, onde o salto de 23,8% experimentado pela indústria de produtos químicos, lidera-

da pelo setor de medicamentos, compensou a queda de 4,8% na indústria de alimentos e bebidas, sob influência dos maus resultados colhidos pela indústria de leite.

Também no balanço da Fieg, que utiliza metodologia diversa e adota outra amostragem em sua pesquisa, os efeitos da crise foram menos danosos para a atividade produtiva goiana. Segundo o economista Cláudio Henrique de Oliveira, as vendas industriais avançaram 2,17% na comparação entre 2008 e 2009, em termos reais. O resultado positivo foi garantido pelo aumento das vendas nos setores de álcool, produtos químicos

e móveis e indústrias diversas, com incremento, pela ordem, de 27,5%, 24,7% e nada menos do que 69,97%. Entre os dez setores de atividade pesquisados, sete venderam menos, incluindo a indústria de alimentos e bebidas, com recuo de 0,78%.

Embora as vendas tenham crescido, permitindo elevação de 0,93% na massa de salários pagos pela indústria, os demais indicadores ficaram no vermelho em 2009. O total de empregos murchou 2,62%. As horas trabalhadas na produção e o nível de utilização da capacidade instalada caíram respectivamente 6,04% e 3,29%.

## VIRTUAL E MAIS BARATO

Novo certificado entra em vigor e deverá facilitar a exportação para países que mantêm acordos de preferências comerciais com o Brasil

As empresas exportadoras terão um prazo, ainda a ser definido, para adesão ao Certificado de Origem Digital (COD), lançado oficialmente em março deste ano numa parceria entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Rede CIN, formada pelos centros internacionais de negócios das federações estaduais do setor. Em Goiás, até fevereiro, cinco empresas haviam completado o treinamento necessário para implantação do COD e espera-se que esse número cresça mais velozmente após o lançamento.

O certificado, que era emitido manualmente, em papel, ganha sua versão eletrônica, com assinatura digital, o que tenderá a assegurar maior segurança, agilidade e redução de custos para empresas que exportam a mercados que mantêm acordos preferenciais de comércio com o Brasil, caso dos países do Mercosul e Aladi, entre outros, aponta a assistente técnica de comércio exterior do Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN Goiás), Aciane Silva Marques.

Como nas transações entre esses países as tarifas de importação são reduzidas ou



**Aciane Silva Marques: economia, agilidade e maior segurança para empresas exportadoras**

inexistentes, o documento, como o próprio nome já indica, permite certificar o país de origem de bens e produtos e evitar que terceiros mercados tenham suas vendas beneficiadas irregularmente. Segundo reforça o analista de Comércio Exterior da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Pablo Cesário, a versão eletrônica do certificado de origem, em processo de digitalização integral, permitirá mais segurança ao sistema, evitando erros e fraudes, além de facilitar o acesso a vantagens fiscais nas exportações para países que mantêm acordos de preferências comerciais com o Brasil.

A certificação digital poderá representar um ganho relativo para as empresas igualmente, embora o maior interesse no processo seja das aduanas. Colômbia e Peru já vinham trabalhando, desde o final do ano, num protótipo do COD, enquanto Argenti-



**Pablo Cesário: o velho certificado manual está com seus dias contados**

na e Uruguai teriam iniciado testes visando à implantação do sistema no início deste ano. “Os certificados manuais deixarão de existir em toda a região”, prevê Cesário.

Para as empresas, o principal ganho deverá ser com o menor tempo gasto para emissão dos certificados e com o fim da necessidade de deslocamentos até o CIN Goiás para protocolar toda a papelada. “Atendemos diversas empresas do interior do Estado, porque o documento tem que ser entregue aqui em Goiânia. Como o envio e a certificação passam a ser feitas eletronicamente, isso poderá trazer alguma vantagem para as empresas”, acredita Aciane. Para conseguir o certificado, bastará entrar no site da Fieg, no endereço [www.sistemafieg.org.br](http://www.sistemafieg.org.br), clicar no link do CIN Goiás e, em seguida, em certificado de origem, sem custos.

# Surpresas na trilha para o Leste

Missão comercial a quatro países da antiga União Soviética poderá atrair novos investimentos para Goiás, além de incrementar intercâmbio comercial



**Paulo Afonso: articulações para colaboração com países do extinto bloco soviético**

A despeito da crise que ainda abala a economia mundial, a missão comercial de duas semanas a países do Leste Europeu superou a expectativa do empresariado goiano e colheu resultados “até surpreendentes”, no balanço realizado pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, que liderou uma comitiva formada por 12 empresários do Estado. Comandada pelo governador Alcides Rodrigues e formada por outras 42 pessoas, incluindo, pela primeira vez, os reitores das Universidades Federal e Estadual de Goiás, respectivamente, Edward Madureira e Luiz Antônio Arantes, além de secretários de Estado, a missão percorreu, entre os dias 14 e 26 de fevereiro, Polônia, Bielo-Rússia, República Tcheca e Ucrânia.

Segundo destacou Alcides Rodrigues, foi uma oportunidade para incrementar a estratégia comercial de seu governo, que “busca novas formas de inserção de Goiás nos mercados internacionais.” Aqueles países, emergentes da antiga União Soviética,

praticamente não aparecem nas estatísticas de comércio exterior de Goiás, já que quase todos os produtos exportados pelo Estado chegam à região por meio do porto de Rotterdam, na Holanda, maior entreposto comercial europeu.

A proposta, resumiu Rodrigues, durante discurso na Fieg, é encurtar caminhos e reduzir custos, realizando exportações diretas àqueles países. “Essa foi uma missão inédita, não apenas por incorporar representantes do mundo acadêmico, mas também pelo leque de oportunidades vislumbradas pelo Estado em uma região que apenas agora está se abrindo para o mundo”, acrescentou o governador.

Na avaliação de Paulo Afonso, os quatro países visitados pela missão dispõem de tecnologias em setores que interessam ao Estado, como máquinas agrícolas e caminhões fora de estrada, enfrentam dificuldades com a Rússia e ainda não desfrutam de espaço no mercado europeu, o que pode significar oportunidades de comércio e de

parcerias para Goiás. Há interesse declarado daqueles países por álcool, açúcar, soja, café, entre outros produzidos em Goiás. Mas, de acordo com o presidente da Fieg, há perspectiva de negócios parcerias também em áreas de maior valor agregado. “Foi manifestado interesse de investimentos em fábricas de adubos e de tratores, sempre com parceiros locais. A concretização desses projetos exigirá um trabalho de fôlego, mas que pode dar resultados”, completou.

Paulo Afonso acrescentou ainda que já iniciou articulações com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) para elaboração de termos de cooperação em todos os níveis envolvendo as entidades estaduais do setor industrial e os governos do leste da Europa. Em abril, afirma o empresário, missão comercial ucraniana desembarca no País e deverá visitar laticínios em Goiás, entre outros setores. Mas seus interesses, prossegue Paulo Afonso, poderão incluir uma montadora de tratores e uma indústria de adubos.

# O mapa do CRESCIMENTO

Indústria elabora ampla estratégia para promover desenvolvimento até 2020, tornando-a mais forte, competitiva e sustentável

Depois de quase cinco meses de intensas discussões e consultas a sindicatos do setor, empresários, técnicos, consultores e representantes da sociedade, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) deverá promover o lançamento do projeto Goiás 2020: Indústria Rumo ao Futuro durante a Semana da Indústria, entre os dias 24 e 28 de maio. Os trabalhos para a montagem do projeto foram oficialmente iniciados no dia 16 de dezembro do ano passado, durante seminário realizado na Casa da Indústria, sede da entidade.

Como ferramenta para assegurar a gestão e, principalmente, a execução do Goiás 2020, na mesma data será apresentado em detalhes o mapa estratégico do desenvolvimento industrial do Estado, contendo indicadores, metas e ações e/ou projetos por setor de atividade, elaborado sob a consultoria da 3GEN, empresa paulista especializada em gestão estratégica. A proposta é estabelecer um plano de longo prazo para o setor no Estado, que possa conduzir ao desenvolvimento de uma indústria “forte, competitiva e sustentável” em Goiás, resume o coordenador técnico da Fieg, Wellington Silva Vieira.

No dia 11 de fevereiro, uma primeira versão do mapa estratégico foi validada pelos presidentes dos conselhos temáticos da Fieg e por sua diretoria executiva. “Atualmente, estamos em fase de desenvolvimento dos



**Wellington Silva Vieira: discussões envolverão toda a sociedade, prevendo-se conclusão do projeto para maio**

indicadores que deverão mensurar a futura implementação do mapa. Em seguida, deverão ser estabelecidas metas e formatadas as ações ou projetos que permitirão atingir as metas propostas”, detalha Vieira.

Ao longo desse percurso, prossegue o coordenador, estão previstas reuniões para validação do trabalho, envolvendo novamente os conselhos temáticos, que funcionam como grandes interlocutores do setor industrial, mas também sindicatos setoriais,

empresários, autoridades do governo e da academia. Possivelmente no final de abril, a Fieg realizará um amplo seminário com todos os setores envolvidos para validação final do projeto.

“Esse trabalho, que transcende os limites do setor industrial, vai beneficiar a economia do Estado como um todo”, afirma o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira. A questão-chave nesse processo, lembra o economista Tharcisio Bierrenbach de Souza Santos, vice-diretor da Faculdade de Administração da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), diz respeito à competitividade. Nesse caso, o trabalho a ser desenvolvido em Goiás deverá considerar a necessidade de incrementar a infraestrutura logística e de ampliar investimentos em educação, ciência, tecnologia e inovação, entre outros pontos. Adicionalmente, prescreve Bierrenbach, que participou do primeiro grande encontro para discutir o mapa estratégico, ocorrido em dezembro, em Goiânia, a sociedade terá de atuar organizadamente para conseguir a redução da carga tributária e do custo do crédito no País.

“Não poderemos ficar limitados à produção de commodities”, sustenta Paulo Afonso, ao defender uma agenda que priorize a agregação de valor ao longo da cadeia produtiva. “Sem agregar valor à produção industrial, estaremos exportando bons empregos para outros países”, reforça Bierrenbach.

# Guerra aos excessos

Indústria começa a trabalhar em projeto de desburocratização que pretende reduzir custos e ampliar a competitividade do setor



**John Mein, Oton Nascimento, Antônio Anastasia, Robson Braga, Pagot e Paulo Afonso: guerra à “burocracia negativa”**

A desregulamentação da economia não está nos planos da indústria, até porque se considera que a ausência de mecanismos eficientes de controle teria exercido papel central na crise que derrubou o sistema financeiro global no final de 2008. A proposta em construção pelo setor, ao contrário, prevê tornar a regulação mais eficiente, simplificando ritos processuais e formalidades, eliminando exigências descabidas, com redução do tempo e dos custos da burocracia e fixação de metas de gestão e de qualidade, por meio do uso intensivo da informática.

“A burocracia excessiva tornou-se um câncer para o País ao encarecer custos, desestimular investimentos e o próprio crescimento”, declarou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, durante a abertura do 1º Seminário Regional: Projeto Corte à Burocracia, realizado no dia 5 de março passado, em conjunto com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), no auditório da Casa da Indústria, em Goiânia. O projeto, patrocinado pela CNI, será estendido

a todas as demais federações estaduais do setor nos próximos meses.

O primeiro encontro reuniu, na sede da Fieg, além de empresários, especialistas e representantes do poder público, o diretor-geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Luiz Antônio Pagot, o vice-governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia, e o coordenador executivo do Instituto Aliança Procomex, John Mein, ex-presidente da Câmara Americana de Comércio (AmCham Brasil), e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Robson de Andrade Braga.

Encerrada a fase de debates regionais, está previsto para Brasília, possivelmente ainda antes das eleições, a realização de um grande encontro sobre o tema. Na sequência, as propostas levantadas em todo o País serão consolidadas pelo CNI num amplo projeto de desburocratização. “A ideia é que a burocracia passe a ter o resultado como foco, deixando de se concentrar, como acontece hoje, nas etapas processu-

ais”, comentou Paulo Afonso.

Esse programa nacional de corte à burocracia, acrescentou o presidente da Fiemg, deverá ser “encampado pelos governos estaduais, municipais e federal, em parceria com o setor privado”, o que permitirá maior eficiência na economia como um todo e a oferta de bens e serviços “com mais qualidade e mais competitivos”. Atualmente, citou Andrade, as empresas brasileiras consomem em média por ano 2.600 horas apenas para lidar com papelada fiscal e administrativa, diante de uma média de 120 horas no restante do mundo.

O vice-governador de Minas defendeu políticas de valorização dos servidores e profissionalização da gestão pública, antes mesmo de se pensar em políticas públicas. Anastasia apresentou alguns dos resultados colhidos pelo programa de desburocratização adotado desde 2003 em seu Estado, o Descomplicar, lembrando, entre outros exemplos, que o tempo para abertura de uma empresa foi reduzido de mais de 40 para apenas 9 dias.



Que em outubro se elejam os melhores.  
De preferência, a partir de uma campanha propositiva

Reynaldo Rocha  
Jornalista

## Sustentabilidade no ano eleitoral

Neste ano de eleições gerais no País, o debate já se acirra, não propriamente com o foco em propostas e programas, mas no confronto de números. É da lógica da política praticada no Brasil: quem está no poder não quer sair; quem está fora, quer entrar – e assim se instala o regime do vale-tudo.

Fora os aspectos de cercam a polêmica que envolve pré-candidatos, partidos, governistas, opositoristas e mesmo os dissidentes de um lado e de outro, compete ver a intensidade dos sinais quanto à preocupação com o essencial, que neste momento, depois da crise financeira internacional – que não está de todo debelada, a se ver dos problemas que sacodem países europeus -, não há dúvida que é a sustentabilidade da economia.

Se de certa forma deu lição ao mundo, pois aqui os problemas se abateram com menor intensidade, e a crise se foi antes que em outros países, o Brasil tem a particularidade de ter como oponentes no cenário eleitoral duas espécies específicas, que poderiam ser chamadas de o criador e a criatura. O governo Lula, que antes de ser constituído era para muitos um fator de grave preocupação, mostrou juízo ao assegurar ao Banco Central plenas condições para uma gestão macroeconômica consistente e eficaz. O procedimento acalmou o



mercado, deu segurança aos negócios e aos investimentos, e, vinda a crise, mostrou que o foco estava correto. Agora, quando vai se instalando o debate eleitoral, há uma tentação, de um lado e de outro, para se tirar a limpo sobre quem é o responsável pelo milagre. Em pronunciamento no Congresso Nacional, o governador José Serra, virtual candidato do PSDB à Presidência da República, reptou o PT e o governo Lula a mostrarem outros fundamentos se não os feitos do governo Fernando Henrique, como o saneamento do mercado via Proer, a Lei de Responsabilidade Fiscal e as metas de inflação para que se

chegasse ao equilíbrio na economia que os governistas de hoje dão como obra unicamente sua e de mais ninguém. Como prefere ver do governo anterior apenas uma herança maldita, os governistas não dão boa contribuição para um debate à altura do momento pelo qual o País passa – e que por todas as circunstâncias é ainda um momento delicado.

Menos mal que, num encontro com empresários, no começo do ano, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, tenha assegurado que, a despeito do ano eleitoral, os fundamentos serão mantidos e respeitados. Como o fez também o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, mais recentemente, ao proclamar que, desde que necessárias, medidas antipáticas e impopulares não deixarão de ser tomadas. E com o ensinamento de que a gestão da economia nada tem a ver com as datas cívicas, como são as eleições. A isso se pode chamar de juízo e de sensatez.

Que em outubro se elejam os melhores. De preferência, a partir de uma campanha propositiva, com novas ideias e novos programas para que o País prossiga na busca da sua prosperidade econômica, para maior conforto e maiores ganhos sociais para todo o povo brasileiro.

# A GSA vai dobrar de tamanho

Fabricante de refrescos e macarrão instantâneo prevê investimentos de quase R\$ 15 milhões em 2010



**Scodro: meta estabelecida para o faturamento neste ano embute previsão de crescimento próximo a 40%**

Depois de crescer praticamente 27% em 2009, ignorando solenemente a crise financeira mundial, a GSA – Gama Sucos e Alimentos, indústria de refrescos em pó e macarrão instantâneo do Grupo Mabel, prepara-se para ser ainda mais agressiva em 2010, quando a meta será emplacar um faturamento próximo a R\$ 102 milhões. Isso representaria um incremento bastante próximo dos 40%, levando-se em conta a receita de R\$ 73 milhões, em valores aproximados, realizada no ano passado. Em três anos, a GSA terá mais que dobrado de tamanho, saindo de um faturamento anual na faixa de R\$ 42 milhões em 2007 e acumulando um avanço de 140% aproximadamente.

“Por enquanto, estamos dentro da meta”, adianta o empresário Sandro Marques Scodro, que desde 2002 responde pelo comando da empresa, instalada em Aparecida de Goiânia. Entre campanhas publicitárias, lançamentos de produtos e uma linha nova de macarrão, os investimentos deverão somar

algo em torno de R\$ 15 milhões neste ano.

No final de fevereiro, a GSA aproveitou a convenção anual de vendas para apresentar aos seus representantes os lançamentos preparados para este ano, que deverão ser sustentados por uma robusta campanha de marketing. “Estamos trabalhando com um investimento bastante próximo de R\$ 7 milhões apenas em marketing, o que significará um incremento de 50% na comparação com o ano passado”, adianta Scodro.

O macarrão instantâneo Sandella, um dos carros-chefes da GSA, ganhará uma linha infantil – o Sandella da Turminha, sob licenciamento do grupo Disney. “A linha, que vai incluir vitaminas, começará a ser distribuída em março”, define Scodro. A divisão de massas instantâneas ganhará ainda uma edição limitada, com gostinho brasileiro e que permanecerá no mercado apenas até a Copa do Mundo, em junho. “Vamos lançar o Macarrão da Torcida Brasileira, com sabores de feijoada, pizza e galinha caipira

com toque de pimenta”, detalha Scodro.

No mesmo pacote, numa ação para promover a linha de refrescos da marca Refreskant, a GSA distribuirá oito modelos do Copão da Copa, com ilustrações de animais africanos e bandeiras de alguns dos países que disputarão o campeonato mundial de futebol. O cantor Leonardo será o garoto propaganda, com peças publicitárias já previstas para rádio e televisão, outdoors e material para os quase 50 mil pontos de venda da empresa espalhados pelo País. Leonardo também animará a campanha de relançamento do tempero em pó Sandella, com uma adaptação de seu sucesso musical Mexe Mexe.

A GSA reserva ainda perto de R\$ 8 milhões para dobrar a capacidade de produção de macarrão instantâneo, com a importação de uma linha japonesa que deverá entrar em operação entre outubro e novembro deste ano, exigindo a contratação de 60 ou 70 empregados.

**Lançamentos e promoções: marketing receberá injeção de R\$ 7 milhões**



# Cruzeiro renasce das cinzas



Empresa sobreviveu a um incêndio e seu dono montou grupo cujos negócios hoje se estendem até a área de construção civil

Aos 14 anos, Agripino Gomes de Souza já trabalhava na farmácia do irmão, em Tocantinópolis (TO), onde aprendeu o ofício de manipulação de fármacos e produtos químicos. Aos 26, criou uma das primeiras indústrias químicas do Estado, já em Goiânia, onde desembarcou – “só eu e Deus”, diz com orgulho – precisamente no dia 26 de janeiro de 1958. Veio para completar os estudos e trabalhar, nesta ordem.

O futuro empresário entrou para a universidade no curso de serviços sociais e trabalhava como faxineiro no antigo Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu). Logo depois, abriu uma farmácia no setor Vila Nova, onde, no mesmo local, em 1963, foi concebido o projeto da futura Cruzeiro Industrial Química Gomes Ltda. “Nesse setor, tudo aqui dependia de São Paulo. Tínhamos que importar tudo”, relembra.

A Cruzeiro iniciou a fabricação de produtos oficinais (mercúrio, mertiolate, iodo, água oxigenada, limonada purgativa e outros) em 1967. Com cinco funcionários, a indústria ocupava, então, uma salinha de 55 a 60 metros quadrados, na área da farmácia. No ano seguinte, Agripino mudou a indústria para o Setor Coimbra, onde viria a sofrer seu mais duro golpe.

A Cruzeiro foi inteiramente destruída



**Agripino Gomes: de faxineiro do antigo Samdu a dono de um grupo com perto de 200 empregados**

num incêndio em 1973. “Mas Deus me deu forças para enfrentar essa situação e para recomeçar a minha indústria das cinzas”, relata o empresário. Em 1974, Agripino vendeu a farmácia, formou uma pequena poupança e, dois anos depois, tirou financiamento no então Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Com



os recursos, iniciou a reconstrução da empresa no Jardim da Luz.

Há seis anos, a Cruzeiro transferiu-se para o Distrito Industrial de Aparecida de Goiânia, com uma linha de duas dezenas de produtos, entre eles a tradicional acetona, álcool e embalagens. “No ano passado, investimos em torno de R\$ 2,0 milhões a R\$ 2,5 milhões. Neste ano, investiremos mais R\$ 2,0 milhões”, antecipa Agripino.

A partir de 1988, criou três novas empresas – a primeira indústria de cloro do Estado, segundo Agripino, chamada Goiás Cloro, a Goiás Tintas e Cola Ltda e a Limpis, fabricante de produtos de limpeza. Em 2009, o empresário comprou e reativou a construtora Eprom. O grupo, que emprega perto de 200 funcionários, cresceu 16% no ano passado, em plena crise, e espera crescer mais 25% para este ano.



## FORÇA MINEIRA

III Em recente passagem por Goiânia para participar do Seminário Regional: Projeto Corte a Burocracia, promoção da CNI e Fieg, o vice-governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia, revelou que o projeto do entreposto da Zona Franca do Triângulo Mineiro se tornou a “menina dos olhos” do governo mineiro. À coluna, ele manifestou empolgação com o lançamento do projeto ainda naquela semana em Uberlândia. O início das obras, com previsão de anúncio neste semestre, serve como alerta para os empresários goianos, que correm risco de perder investimentos para o Estado vizinho. Anastasia enfatizou que o complexo, a ser levantado na estrada que liga Uberlândia a Campo Florido e leva ao centro-sul do Brasil, à Região Sudeste e Estados do Centro-Oeste, deve refletir também no desenvolvimento de municípios goianos situados na divisa.

### RUMO AO ORIENTE

III O deputado federal Sandro Mabel e o presidente da Câmara, Michel Temer, começaram o ano com compromisso de uma viagem especial. Eles integram a comitiva de empresários e autoridades que viajam para o Oriente entre 26 de março e 3 de abril, em promoção da Câmara Brasil China. “Com encontros já agendados com empresários chineses que estão em cidades como Pequim e Xangai, a comitiva tem a meta de auxiliar o Brasil a alavancar as exportações de diversos produtos”, adianta Mabel.

### AGR COBRA MEDIDAS

III A Agência Goiana de Regulação, Controle e Fiscalização de Serviços Públicos (AGR), conveniada da Aneel em Goiás, ao analisar a situação da unidade de Aparecida de Goiânia da Indústria Brasileira de Gases (IBG), conclui, em parecer do dia 7 de janeiro, que “é necessário a adoção de medidas que de modo efetivo reduzam o número de interrupções de curta duração, já que (...) afetam diretamente o suprimento de energia elétrica.” O parecer revisa posição anterior firmada pela Aneel em ofício encaminhado à IBG em agosto do ano passado. A IBG teve suas operações paralisadas no começo do segundo semestre, segundo seu presidente, Newton de Oliveira, cujo sobrenome foi erroneamente grafado na edição 231 desta revista.



### AMPLIAÇÃO DO DAIAG

III O governo de Goiás desapropriou uma área de 39 alqueires (1,89 milhão de metros quadrados) para ampliar o Distrito Agroindustrial de Aparecida de Goiânia (Daiag), que deverá mais do que dobrar de tamanho para receber pelo menos uma centena de novas empresas. O decreto tornando a área de utilidade pública foi assinado no final de fevereiro pelo governador em exercício, Ademir Menezes (foto). Hoje, o Daiag abriga 33 empresas, gerando 3 mil empregos diretos, numa área de 1,2 milhão de metros quadrados. Os empresários Pedro Alves de Oliveira, vice-presidente da Fieg, e Heribaldo Egídio, presidente do Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais, participaram da solenidade.

## ESTRATÉGIA

III Ananias Justino Jaime acabou de chegar de encontro da Federação Pan Americana de Leite, realizado no fim de fevereiro no Minas Centro, em Belo Horizonte. No evento, realizado a cada ano em um país diferente, o presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínio de Goiás conferiu experiências de sucesso no Brasil e no exterior. Uma vez por mês, na Fieg, ele se encontra com empresários goianos do ramo para traçar diretrizes para o segmento e organizar a próxima excursão técnica de peso, em setembro, no Canadá e nos Estados Unidos.

## MEIO AMBIENTE

III Henrique Wihelm Morg de Andrade, presidente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas no Estado de Goiás (Sindicer), está empenhado em alertar as empresas do segmento para a corrida contra o tempo para as adaptações ao plano de manejo criado para a APA do Ribeirão João Leite. No início de março, no Senai de Anápolis, ele reuniu empresários estabelecidos na região onde será construída a barragem, além de autoridades ambientais e do Ministério Público. As empresas ganharam prorrogação de seis meses em suas licenças, desde que elaborem EIA/RIMA para toda a área de concentração das 40 cerâmicas.

## MÃO DE OBRA

III O presidente do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), Álvaro Otávio Dantas Maia, ficou feliz com a presença de mais de 300 pessoas em um curso gratuito promovido no Senai no início de março. Antônio Gomide, prefeito de Anápolis, foi quem comandou a abertura do evento. Para os organizadores, o setor da construção civil cresce em todo o Estado, mas existe necessidade urgente de mão de obra não apenas para suprir a demanda em quantidade, mas no sentido de garantir formação com qualidade.



## TURISMO E NEGÓCIOS

III Mirian Mansur e Leopoldo Moreira (Gráfica Formato) acabam de chegar dos Estados Unidos. Os empresários, que aproveitaram para unir passeio e trabalho em uma mesma viagem, passaram por Atlanta e Miami. Além da compra de equipamento de última geração, o casal curtiu Mobile, no Alabama. A bela cidade é boa dica turística para quem embarcar para a terra do Tio Sam. Fundada em 1702 como uma colônia francesa da Lousiana, é conhecida pelo surgimento do festival Mardi Gras, uma espécie de carnaval que ficou mais famoso em New Orleans.

## CIMENTO

III Luiz Ledra, presidente do Simprocimento, começou o ano com treinamento, em Goiânia, voltado para a melhoria da qualidade dos blocos. Ele já está arrebanhando interessados em conferir a Concreshow, realizada em São Paulo no mês de setembro. A feira atrai indústrias do segmento pelos seus lançamentos no campo de maquinário. No ano passado, 40 industriais goianos passaram por lá.

## EDUCAÇÃO

III Recentemente, Roberto Elias, presidente do Sinduscon, firmou parceria que deve incrementar a formação profissional nos canteiros de obras, que já contavam com cursos do Senai. Em encontro com o gerente de desenvolvimento interno da Fundação Roberto Marinho, Ricardo Piquet, que veio a Goiânia especialmente para o lançamento da novidade, foi dada a largada para o projeto educacional que esbanja recursos audiovisuais e exercícios interativos.

## DESTAQUE NACIONAL

III A Borges Landeiro foi eleita pelo segundo ano consecutivo como a maior construtora do Centro-Oeste, quando se considera o total de metros quadrados construídos. A empresa sustentou posição de destaque também no ranking nacional, classificando-se como na 20ª colocação entre as 100 maiores do País. A premiação ocorreu no dia 9 de março, durante a sexta edição do Ranking ITCnet - As 100 Maiores da Construção, no Secovi, em São Paulo.

## Sindirepa

### Ano de desafios – I

Este será um ano de “desafios extremos” para a indústria de reparação de veículos, principalmente na área ambiental, afirma Francisco de Paula e Silva, vice-presidente Sindirepa-GO. Em São Paulo, a instalação e operacionalização do sistema de inspeção preventiva veicular ambiental têm surtido resultados. Mas será preciso exigir também que “as reparações veiculares sejam feitas por empresas ecologicamente corretas”, sob pena de anular o esforço realizado para resolver o déficit ambiental do setor.

### Ano de desafios – 2

Ainda de acordo com Francisco de Paula, equipes do Sindirepa-GO e da Agência Municipal de Meio Ambiente (Amma) desenvolvem em parceria trabalho de identificação de passivos ambientais nos setores de funilaria, pintura, retíficas de motores e indústrias mecânicas em geral para elaboração de uma instrução normativa que deverá estabelecer “os requisitos ambientais exigidos para que as empresas possam funcionar de maneira ambientalmente correta.” Essa instrução poderá mesmo servir de modelo para todos os demais Estados, já que não há legislação semelhante para o setor de reparação no restante do País, lembra Francisco de Paula. Em junho, durante o congresso nacional da indústria, a ser realizado em São Paulo, o Sindirepa-GO foi especialmente convidado pelo presidente do Sindirepa-SP, Antônio Fiola, para apresentar o projeto que cria a nova instrução.



### Avaliação de danos

A Escola Senai Vila Canaã realizou no dia 23 de fevereiro solenidade de conclusão (foto) das seis turmas do curso de avaliador de danos em veículos automotores, destinado ao aperfeiçoamento profissional de 175 militares que atuam nas unidades do Batalhão Rodoviário e do Trânsito Urbano. A programação foi desenvolvida em parceria com o Sindirepa e a Polícia Militar de Goiás.

## SIMELGO



### POLO EMPRESARIAL

Diretores do Simelgo cumpriram, no dia 25 de fevereiro, intensa programação de visitas a indústrias instaladas no polo empresarial de Aparecida de Goiânia (foto), para conhecer as diversas etapas dos processos de produção e métodos adotados pelas empresas nas várias linhas de produtos. Foram visitadas as indústrias Gerdau-Armafer, de dobra de aços trefilados para construção civil, a Bertolini S/A, fabricante de cozinhas de aço, e a Gabitec, dedicada a projetos e execução de peças de alumínio para aplicação industrial.

## Sindimóveis

### Goianos na Abimóvel

Os empresários goianos Carlos Alberto V. Soares (Cozinhas Pauleti) e Humberto Rodrigues de Oliveira (Olbia Ind. e Com. de Móveis Ltda.) foram escolhidos para participar, respectivamente, da nova diretoria e do conselho fiscal da Associação Brasileira da Indústria do Mobiliário (Abimóvel). A assembleia geral que escolheu os novos diretores e reelegeu José Luiz Diaz Fernandez, da Móveis German, para o triênio 2010/2012, foi realizada no dia 15 de janeiro.

## SINDUSCON



### COOPERAÇÃO TÉCNICA

O Sinduscon-GO, por meio da Comissão de Materiais e Tecnologia, e a Universidade Federal de Goiás (UFG) assinaram (foto), no início de fevereiro, Termo de Convênio de Cooperação Técnica a vigorar até 31 de dezembro de 2012. A parceria foi firmada pelo reitor Edward Madureira Brasil, o diretor da Escola de Engenharia da Universidade, Osvaldo Luiz Valinote, e o vice-diretor, Orlando Ferreira Gomes. Pelo sindicato, assinaram o presidente da entidade, Roberto Elias, e o coordenador do Comitê de Tecnologia em Goiás, Renato de Souza Correia.

### Expedição ao Meia Ponte

No dia 24 de fevereiro, o Sinduscon-GO promoveu café da manhã em sua sede para apresentar o Projeto Expedição ao Rio Meia Ponte, destinado a elaborar radiografia detalhada dos problemas nos mananciais que formam aquela bacia. O sindicato pretende sensibilizar comunidades ribeirinhas e a sociedade para a necessidade de recuperação e preservação dos recursos hídricos, promovendo seu uso sustentável.

### Sieeg-DF

#### Nova direção

Eleita no ano passado, a nova diretoria do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e Distrito Federal (Sieeg-DF) será composta pelos empresários Orlando Alves Carneiro Júnior, presidente; Walter José De Simoni (vice-presidente); Rodolfo Luis Xavier Vergílio (diretor secretário); Domingos Sávio Gomes de Oliveira (diretor tesoureiro); Rubens Relá Filho e Romero de Souza Queiroz (ambos suplentes da diretoria). O atual mandato encerra-se em abril de 2012.

### Para principiantes

A Escola Senai Vila Canaã realizou, no dia 20 de março, em parceria com o Sinduscon-GO, curso para auxiliar de obras civis (para funções como ajudante de servente, de pintor, assentador de piso/azulejo, etc.) direcionado, gratuitamente, a homens e mulheres. Serão oferecidos aos participantes transporte, alimentação grátis e sorteio de brindes, além da possibilidade de encaminhamento ao mercado de trabalho.

### Sindileite

#### Cartilha e pesquisa

Desde o ano passado, o Sindileite conta com uma cartilha de Boas Práticas Agropecuárias (BPA), com foco na produção de leite com qualidade. As indústrias distribuíram 80 mil exemplares aos 55 mil produtores de todo o Estado. Elaborada por técnicos especializados, a publicação foi adotada por empresas de outros Estados, tornando-se referência nacional. Como novidade, inclui questionário para que produtores informem sobre volume produzido, número de empregados, condições da propriedade, tamanho e raça do rebanho, quando iniciou na atividade, entre outras questões. As respostas servirão para alimentar o banco de dados da indústria.



### Sinvest

#### Goiás Mostra Moda

O lançamento do projeto da segunda edição do Goiás Mostra Moda, prevista para junho próximo, mobilizou um grupo de empresários no dia 10 de fevereiro, em reunião realizada no Sinvest. Participaram da reunião, além do presidente do sindicato, José Divino Arruda, representantes da Fieg, Centro Internacional de Negócios de Goiás, Senac e das empresas Ferro de Brasa, Hellin Jeans, Kaya, Estação Goiânia, Walcely Lopes e Elaine Programa Stillo.



## “O Brasil e Goiás podem dar um salto extraordinário na produtividade do trigo”

André de Lavor

Presidente do Sindicato dos Moinhos de Trigo do Centro-Oeste (Sindtrigo)

# Trigo do Cerrado

O Cerrado brasileiro pode contribuir sobremaneira para ampliar a produção nacional de trigo. Temos tecnologia, áreas disponíveis e sistemas de irrigação eficientes. Soma-se a isso a excelente qualidade do cereal produzido em Goiás e demais Estados do Centro-Oeste.

Em 2008, realizamos em Cristalina um encontro com lideranças e produtores de trigo para discutir as inovações do setor da triticultura, focado no aumento da produtividade local e no Brasil, que ainda não atende de forma ideal a demanda interna, daí a necessidade de importarmos trigo de outros países.

O campo, de modo geral, deve ser estimulado pelos agentes públicos, pois representa mais de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) goiano. Isso sem contar a relevante contribuição para fixação do homem no meio rural e a ampliação de divisas econômicas com reflexos diretos na melhoria da qualidade de vida de milhares de cidadãos.

Goiás ainda não é um grande produtor de trigo, mas se mostra ousado no propósito de aumentar essa que é uma milenar e importante cultura e que diariamente está presente no cardápio de milhares de brasileiros. Agora em 2010, queremos incentivar ainda mais a projeção de crescimento, sobretudo, considerando que São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul sofreram redução de área



cultivada na safra anterior.

É importante salientar que a redução na produção nos Estados do Sul do Brasil se deve, em parte, ao excesso de chuvas durante as safras 2008 e 2009.

Em solo goiano, os municípios de Cristalina (54 mil toneladas), Luziânia (13,5 mil), Catalão (8,1 mil) e Rio Verde (2,5 mil) respondem por 80% da produção regional e diversos produtores de Mineiros, Campo Alegre de Goiás, Ipameri, Vianópolis e Jataí estão apostando na triticultura, contribuindo para assegurar aos goianos uma produção de mais de 100 mil toneladas em 2009.

Reconhecendo os esforços e a dedicação

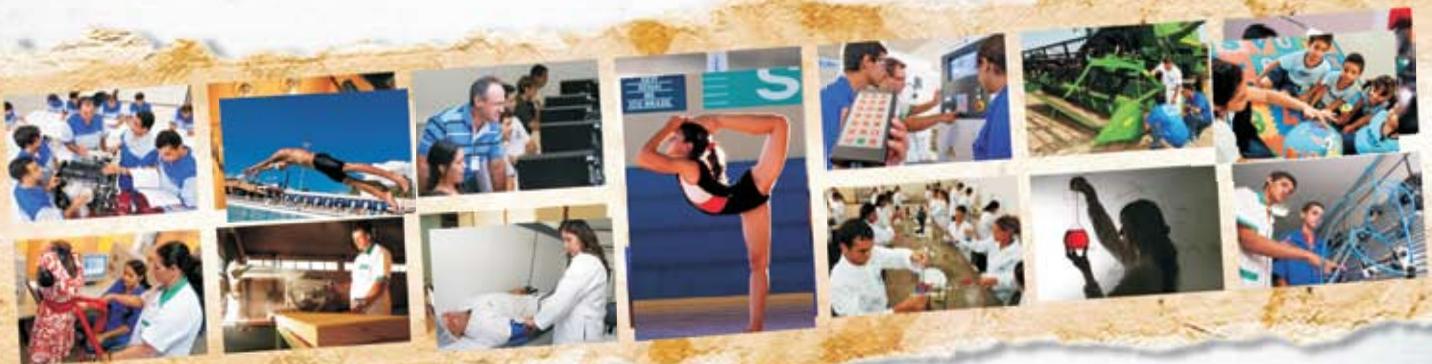
dos produtores goianos e dos demais Estados do Centro-Oeste, o Sindicato dos Moinhos de Trigo do Centro-Oeste (Sindtrigo), entidade que representa o setor, lançou em 2009 o Selo de Qualidade do Trigo, assegurando ao produtor maior rentabilidade e ao mercado consumidor garantia de excelência no produto adquirido. Goiás dispõe de inúmeras potencialidades para continuar alavancando na produção de trigo e, assim, ocupar lugar de destaque na economia nacional, propiciando a milhares de panificadoras e centenas de moinhos espalhados pelo Brasil matéria-prima de qualidade para a produção de farinha, massas, pães e biscoitos que fortalecem a geração de renda e empregos.

Ainda não somos autossuficientes na produção de trigo, mas temos tudo para mudar esse panorama e, para isso, é indispensável que os governos continuem a apoiar os produtores do Cerrado com disponibilização de mais recursos para o setor com garantia de preços adequados de maneira a estimular o setor da triticultura em Goiás e no Brasil.

A produção nacional ainda não superou a marca de 6 milhões de toneladas ao ano e, por isso, temos a necessidade de importar trigo do Canadá, da Argentina e de outros países para suprir a demanda interna, que passa de 10 milhões de toneladas/ano.



## EDUCAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL



### CONHEÇA OS CURSOS GRATUITOS NAS MODALIDADES

- Ensino Articulado: Ensino médio + curso técnico juntos
- EJA (Educação de Jovens e Adultos), da alfabetização ao ensino médio
- Educação Continuada (Cursos, workshops, palestras e seminários)
- EaD (Educação a Distância) - Ensino de qualidade onde você estiver
- Aprendizagem Industrial: Qualificação para o trabalho

